

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

MARIA DAS GRAÇAS VIEIRA

MULHERES NA BÍBLIA E NA VIDA DE JESUS:  
O CASO DE MARTA E DE MARIA

São Leopoldo

2010

MARIA DAS GRAÇAS VIEIRA

MULHERES NA BÍBLIA E NA VIDA DE JESUS:  
O CASO DE MARTA E DE MARIA

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação.  
Linha de Pesquisa: Leitura e ensino  
da Bíblia

Orientador: Flávio Schmitt

Segundo Avaliador: Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V658m Vieira, Maria das Graças

Mulheres na bíblia e na vida de Jesus: o caso de Marta e de Maria / Maria das Graças Vieira ; orientador Flávio Schmitt ; co-orientador Wilhelm Wachholz . – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

68 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Bíblia. N.T. Lucas 10 – Crítica, interpretação, etc.  
2. Mulheres na bíblia. 3. Mulheres no cristianismo. I Schmitt, Flávio. II. Wachholz, Wilhelm. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARIA DAS GRAÇAS VIEIRA

MULHERES NA BÍBLIA E NA VIDA DE JESUS:  
O CASO DE MARTA E DE MARIA

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação.  
Linha de Pesquisa: Leitura e ensino  
da Bíblia

Flávio Schmitt - Doutor em Ciências da Religião - Escola Superior de Teologia

---

Wilhelm Wachholz - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

---

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço a todas as mulheres que com sua firmeza, com sua luta e com resistência conseguiram ultrapassar barreiras quase intransponíveis. Bem como a tantas outras que, mesmo a contra gosto de maridos e companheiros, se dedicaram ao estudo e se colocaram em pé de igualdade com homens, que até aos nossos dias não suportam saber que suas mulheres têm salários melhores do que eles e fazem de tudo para as impedir.*

*Tantas mulheres que são pai e mãe. Sozinhas lutam para que seus filhos possam ter uma vida digna. Espero e confio que os cristãos e governantes saibam olhar com mais carinho esta triste realidade da sociedade.*

*Agradeço também a todas as Irmãs da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, principalmente da Província Santa Tereza do Menino Jesus e a fraternidade do Sagrado Coração de Jesus, que colaboraram para que eu pudesse ter tempo disponível para elaborar este trabalho.*

## RESUMO

Esta pesquisa é uma tentativa de descoberta do verdadeiro sentido e intenção de Lucas no texto em que fala sobre Marta e Maria (Lc 10.38-42) e a relação destas com Jesus. Busco analisar a situação da mulher na sociedade patriarcal, sua atuação voltada aos cuidados da família e do lar e, ao mesmo tempo, a ousadia de mulheres que seguiram Jesus desde a Galileia até Jerusalém: como elas o serviam, o escutavam, arriscavam suas vidas e deram assistência até o momento de sua ressurreição, espalhando a notícia do ressuscitado. É possível perceber que, em todos os tempos, as mulheres lutaram por uma vida digna e aos poucos foram conquistando seu espaço e percebendo a necessidade de uma reconciliação do humano em sua totalidade, feminino/masculino, reconhecendo os valores femininos que foram esquecidos nas sociedades androcêntricas. Nos mais diferentes contextos, muitas mulheres começaram a participar ativamente nos diversos movimentos, sindicatos e comunidades de base, exercendo uma forte liderança, organizando grupos de reflexões bíblicas e descobrindo que um outro mundo é possível.

**Palavras-chave:** Mulher na Bíblia. Missão da Mulher no Movimento de Jesus. Luta pela dignidade Feminina.

## **ABSTRACT**

This research is an attempt to detect the true meaning and intention of Luke in the text that talks about Mary and Martha (Luke 10.38-42) and their connection with Jesus. I seek to analyze the situation of women in patriarchal society, their performance as they take care of the family and home and, at the same time, the audacity of the women who followed Jesus from Galilee to Jerusalem: how they served him, how they listened to him, how they risked their lives for him and assisted him up to the moment of his resurrection, spreading the news about the risen Lord. It is possible to perceive that, at all times, women have struggled for a decent life and gradually conquered their space and noticed that the human being, as a whole, needs reconciliation, female/male, recognizing the feminine values which were forgotten in androcentric societies. In various different contexts, many women began to participate actively in diverse movements, trade unions, grassroots communities, exercising a strong leadership, organizing biblical reflections and discovering that another world is possible.

**Keywords:** Woman in the Bible. Woman in Jesus' movement. Struggle for feminine dignity.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 MARTA E MARIA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS BÍBLICOS .....	12
1.1 Contexto e Realidade.....	12
1.2 Comentário do texto versículo por versículo.....	14
1.3 Alguns aspectos da vida de Marta e Maria.....	16
1.3.1 <i>Uma casa de aconchego</i> .....	18
1.4 O poder curador de Jesus.....	21
1.4.1 <i>O toque que cura</i> .....	23
2 A MULHER NA SOCIEDADE ISRAELITA .....	26
2.1 Participação de mulheres numa sociedade patriarcal .....	26
2.2 A mulher na família .....	27
2.3 Mulher e as profissões .....	29
3 MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS .....	32
3.1 Mulheres promovidas por Jesus.....	38
3.2 Mulheres que não abandonaram Jesus .....	39
4 MULHERES NO NOVO TESTAMENTO.....	42
4.1 O evangelho de Mateus e as mulheres .....	45
4.2 O evangelho de Marcos e as mulheres.....	48
4.3 O evangelho de Lucas e as mulheres .....	49
4.4 O evangelho de João e as mulheres.....	50
4.5 A aliança do diferente: homens e mulheres construindo o mesmo projeto .....	52
4.6 Mulheres na igreja.....	53
4.7 A Igreja na casa delas.....	55
4.8 Emergência de um novo rosto eclesial.....	60
CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS .....	65

## INTRODUÇÃO

Este estudo, tendo como pano de fundo Marta e Maria, irmãs de Lázaro, (Lc 10.38-42), tenta expor como teria sido a influência e desafios das mulheres no contexto da sociedade greco-romana, nas primeiras comunidades cristãs. De início, busca resgatar o texto e seu contexto, a partir da tradução do grego; a situação das mulheres na sociedade patriarcal; o porquê e quando entrou o mal entendido e separação, comparando Marta como aquela que só trabalha e não reza, não ouve a Palavra do Senhor, e Maria como aquela que é a discípula fiel que está aos pés do Senhor, ouvindo suas palavras.

O desenvolvimento desta pesquisa reflete o papel da mulher nos evangelhos, a influência dos primeiros pregadores que nos ordenaram que devêssemos vê-las como 'servas', auxiliares e 'ajudantes dos homens'. No entanto, Jesus, através dos evangelhos e de outros escritos pesquisados, revela-nos outra mentalidade em relação à mulher. A visão de Jesus a esse respeito está expressa nos evangelhos que nos ensinam:

Depois de morto e ressuscitado, Jesus aparece primeiro à mulher, Maria Madalena, e a encarrega de ser sua mensageira junto aos discípulos. Porém, pela influência da cultura greco-romana convencionou-se que a grande mensagem da ressurreição fora destinada exclusivamente a homens.<sup>1</sup>

A dominação patriarcal se consolidou como ideologia dominante também no judaísmo palestinese, inserido no contexto greco-romano, em meio ao qual o cristianismo teve suas origens. A cultura e ideologia patriarcais greco-romana marcaram profundamente a vida dos povos. A situação da mulher no judaísmo era mais dura porque havia uma série de discriminações religiosas e legais contra ela. Ainda assim, existiam iniciativas de emancipação, mesmo que de forma limitada. Essas iniciativas e participação na vida religiosa influenciaram o ambiente greco-romano. Muitas mulheres participavam do movimento cristão primitivo que tinha propostas de novas relações, diferentes daquelas vigentes na sociedade greco-romana. Tais mulheres atuavam de igual para igual com os companheiros na organização, na direção e no trabalho missionário das primeiras comunidades.

---

<sup>1</sup> GANGE, Françoise. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7.

No estudo da situação da mulher no judaísmo, é possível perceber como foi importante o trabalho das mulheres no seguimento de Jesus, desde a Galileia até Jerusalém: como o serviam, escutavam e viam o que ele dizia e fazia. Não fugiram quando foi preso, permanecendo fiéis, arriscando as próprias vidas. Foram ao túmulo, encontraram-no vazio e, porque creram e permaneceram fiéis, tornaram-se as primeiras testemunhas da Ressurreição.

Os quatro evangelistas comunicam a atuação e o maravilhoso trabalho das mulheres junto a Jesus, atuando com muita dedicação e em pé de igualdade com os homens, como discípulas, ajudando o Senhor em sua missão. Muitas mulheres, por meio da fé, encontram a humanidade de Jesus, e descobrem sua dignidade intimamente ligada ao ser de mulher. Prova disto são as atitudes de algumas mulheres em relação a Jesus que, com muita liberdade, exprimem seus sofrimentos e suas necessidades. Isto acontece principalmente no episódio de Marta e Maria. Este estudo pretende mostrar o valor de cada mulher, especialmente no que se refere aos diferentes trabalhos realizados. Lucas mostra que na casa de Maria, Marta e Lázaro havia muita liberdade diante do Senhor. Porém, Jesus ensina que há tempo para cada coisa e é necessário saber escolher a melhor parte.

Durante muito tempo, os espiritualistas usaram este texto com uma visão distorcida, minimizando o trabalho de Marta e exaltando Maria, quem escolheu a melhor parte. Graças à iluminação do Espírito, surge uma nova leitura com a descoberta de manuscritos encontrados no Egito, em 1945, que reiterada vezes acena para a necessidade de reconciliação do humano com sua totalidade, de reconciliação do homem e da mulher e, acima de tudo, uma reconciliação dos valores femininos que foram colocados de lado, em todo o tempo em nossa sociedade.<sup>2</sup>

Uma grande descoberta dentro de tudo isto foi que o mistério de Deus tem em si mesmo a dimensão feminina: não é apenas Pai, mas também Mãe; homens e mulheres podem encontrar em seus abismos de amor o referencial que os ajuda a entender sua identidade enquanto seres humanos, criados não para o isolamento, mas para a reciprocidade.

---

<sup>2</sup> GANGE, 2005, p. 7-9.

Pretendo mostrar, no decorrer deste trabalho, que houve mudanças de mentalidade. Mesmo a duras penas, a situação da mulher já mudou muito com suas lutas, engajadas nos diversos movimentos, sindicatos e mesmo nas Igrejas, nas comunidades, organizando e exercendo lideranças, descobrindo seu valor, suas capacidades e dignidade e não se deixando dominar tão facilmente. Apesar da ideologia reinante ainda ser machista, grande parte das mulheres já tem consciência de que Deus fez mulher e homem para juntos construírem a humanidade com igualdade e fraternidade.

Neste trabalho, é proposta uma nova sistematicidade que brota do impulso e do desejo que habitam o mais profundo do ser humano, que inclui a mistura de sensibilidade, racionalidade, gratuidade, eficácia, experiência e reflexão, proposta que nasce do ser original sonhado por Deus.

Como fundamentações teóricas, foram utilizadas as obras de: Elsa Tamez, Elisabeth Schüssler-Fiorenza, Françoise Gange, Pierre Grelot, Elizabeth Johnson, Rabina Sandra Kochmann, Cárdenas José Pallares e Marga Janéte Ströher, dentre outras que constam nas referências.

A metodologia deste trabalho se pautou no levantamento de dados bíblicos, num minucioso estudo das passagens sobre mulheres na Bíblia e em pesquisas bibliográficas, trazendo presente fontes e manuscritos encontrados em Qumran, e outros escritos também da Internet.

De modo especial, este trabalho poderá contribuir no estudo de quem pretende fazer uma leitura na visão histórica de mulher e para um melhor conhecimento dos evangelhos, no que diz respeito às mulheres, principalmente Marta e Maria, na convivência com Jesus.

#### ORAÇÃO

Amado Jesus, obrigada por Maria e Marta. Obrigada pela Maria e pela Marta que existem em mim e obrigada por mostrar-me o caminho da cura por meio da vida delas. Obrigada por dar-me a vontade de ouvi-lo e agir de acordo com sua palavra. Obrigada por convidar-me a ouvi-lo. Obrigada por agir comigo e por meu intermédio.

Muitas vezes estou tão envolvida com os meus afazeres que simplesmente esqueço de estar com você, ainda que saiba que você é a fonte e o poder de todas as coisas que faço. Ajuda-me a lembrar que sem você nada que faça tem realmente valor.

Peço também que faça crescer minha fé em você, o Filho de Deus, o Messias. Deixe-me crer com tanta força que os milagres grandes e os pequenos sejam feitos em seu nome. Agora, peço especialmente pelo milagre da comida. Sei que temos comida em abundância, comida que

apodrece sem ser aproveitada, comida que é jogada fora. O milagre da comida que peço Senhor, é realmente o milagre do coração humano, em receber a graça de dividir e de encontrar maneiras criativas para que ninguém no mundo sinta fome.

Oxalá eu também possa levar o alimento da sua palavra a todos que encontrar a palavra que ouço quando me sento, como Maria, a seus pés. Dê-me a graça de anunciar essa palavra, não importa o quanto seja difícil para mim.

Maria e Marta rezem por mim e pelo mundo que passa fome. Amém.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> WILLIAMS, Ruthann. *Vá em paz: A cura na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 146.

# 1 MARTA E MARIA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS BÍBLICOS

Este capítulo é uma análise do texto de Lc 10.38-42, que relata o episódio da visita de Jesus a Marta e Maria, apresentando o texto na língua grega e também a versão para o português de João Ferreira de Almeida, com comentário versículo por versículo.

<sup>38</sup> Ἐν δὲ τῷ πορεύεσθαι αὐτοὺς αὐτὸς εἰσῆλθεν εἰς κώμην τινα· γυνὴ δὲ τις ὀνόματι Μάρθα ὑπεδέξατο αὐτόν.

<sup>39</sup> καὶ τῆδε ἦν ἀδελφὴ καλουμένη Μαριάμ, [ἡ] καὶ παρακαθεσθεῖσα πρὸς τοὺς πόδας τοῦ κυρίου ἤκουεν τὸν λόγον αὐτοῦ.

<sup>40</sup> ἡ δὲ Μάρθα περιεσπᾶτο περὶ πολλὴν διακονίαν· ἐπιστᾶσα δὲ εἶπεν, κύριε, οὐ μέλει σοι ὅτι ἡ ἀδελφὴ μου μόνην με κατέλιπεν διακονεῖν; εἶπε δὲ οὖν αὐτῇ ἵνα μοι συναντιλάβηται.

<sup>41</sup> ἀποκριθεὶς δὲ εἶπεν αὐτῇ ὁ κύριος· Μάρθα Μάρθα, μεριμνᾷς καὶ θορυβάζῃ περὶ πολλά,

<sup>42</sup> ἐνὸς δὲ ἐστὶν χρεία· Μαριάμ γὰρ τὴν ἀγαθὴν μερίδα ἐξελέξατο ἣτις οὐκ ἀφαιρεθήσεται αὐτῆς.<sup>4</sup>

<sup>38</sup> E aconteceu que indo eles de caminho, entram numa aldeia. E certa mulher, por nome de Marta, o recebeu em sua casa.

<sup>39</sup> E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra.

<sup>40</sup> Marta, porém, andava distraída em sua diaconia, e, aproximando-se disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois que me ajude.

<sup>41</sup> E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, está ansiosa e afadigada com muitas coisas;

<sup>42</sup> Mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.<sup>5</sup>

## 1.1 Contexto e Realidade

A história de Marta e Maria no Evangelho de Lucas representa a fonte “L”. Lucas não define o lugar deste acontecimento, temos notícia apenas pelo Evangelho de João que nos informa sobre Maria e Marta, residentes em Betânia (Jo 11.1 e 12.1-3) e mostra que a mulher que ungiu a Jesus para seu sepultamento era Maria, mas ali também não está identificada como irmã de Lázaro.

Os nomes ‘Marta e Maria’, irmãs de Lázaro, em Lc 10.38-42, Jo 11.1-3, residentes em Betânia e, em Jo 11.1, sobre estes textos houve amplos discussões teológicas e espirituais no cristianismo na narração de Lc 10.38-42. Ele parece

<sup>4</sup> BIBLEWORKS for Windows. Versão 6.0. 2006. CS-ROM.

<sup>5</sup> A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1981.

mostrar Marta como protótipo da pessoa envolvida em atividades excessivas. Porém, se olharmos para Jo 11.17-44, dá para concluir que Marta não ignora e não desvaloriza a parte de Maria. Em outra ocasião, ela vai ao encontro de Jesus e lhe manifesta toda a sua fé e confiança. Recebe por isso a revelação sobre Cristo ressuscitado. O texto de Lc 10.38-42 ressalta a inutilidade das preocupações exageradas pelos afazeres do mundo e prima, tal como Mt 6.25-34, pela importância da escuta da Palavra de Jesus.

No Evangelho de João, capítulo 12, versículos 3 a 8, Maria é a mulher que ungiu Jesus com unguento precioso em Betânia. Os dados evangélicos nunca identificam essa Maria como a pecadora, mas sim com a Maria de Magdala, a quem Jesus libertou da possessão diabólica (Mc 16.9; Lc 8.2) ou com a pecadora anônima de Lucas 7.37-50.

A tradição grega (Padres e liturgia) até hoje as considerou diferentes. Na tradição Latina, ao contrário, o papa Gregório Magno foi o primeiro a identificar Maria de Betânia com Maria Madalena. Esta leitura se tornou comum entre os autores da época, com exceção de Pascásio Radberto, S. Bernado e Nicolau de Clairvaux. Nas críticas históricas bíblica cada vez mais, as personagens Marta e Maria de Bethani e Maria de Magdala, inclinam-se a distinguir estas pessoas.<sup>6</sup>

No texto de Lc 10.38-42, Marta e Maria exercem funções diferentes dando margem para interpretar como se fosse uma representando os afazeres espirituais e ao outra os afazeres materiais. Numa leitura breve, cada vez mais adotada hoje, diz: “uma só coisa é necessária”; sugere uma interpretação espiritual e se vincula à fala de Jesus referente a Maria, que escolhe a melhor parte. Porém, parece que Lucas quer apenas destacar a doutrina do episódio Maria e Marta.

Maria representa o tipo da discípula autêntica de Cristo: “assentada aos pés do Senhor, escuta a sua palavra” (Lc 10.39), posição que na antiguidade era a atitude específica do discípulo em relação ao mestre. Com esta atitude, Lucas mostra que a palavra de Jesus tem primazia absoluta e que o discípulo deve estar sempre pronto a ouvir e cultivar a palavra do Evangelho para que ela possa frutificar plenamente em sua vida (Lc 8.15). Marta, ao contrário, é o tipo que se deixa tomar pela inquietação e é dominada pela dispersão e, por conseguinte, pela distração daquilo que é essencial: a Palavra divina em seus imperativos mais urgentes.

---

<sup>6</sup> LEXICON. *Dicionário de teologia enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 467.

O sentido principal da perícopé não contempla a contraposição entre vida ativa e vida contemplativa. Podemos perceber na parábola do samaritano (Lc 10.25-37) que precede este episódio como são valorizadas as várias atividades da vida cotidiana, que pode ser animada pela motivação do amor evangélico. A tradição cristã fez uma interpretação correta. Porém, autores espiritualistas, privilegiando o aspecto tipológico das duas figuras evangélicas, que de fato estão contidas no texto, viram em Maria, o protótipo da atitude absorvente e gratificante do contemplativo, inteiramente dedicado à escuta exclusiva do Senhor, ao passo que Marta representa o tipo de pessoa que se expõe aos riscos de uma atividade descontrolada e, às vezes, não se dá conta da prioridade devida à Palavra do Senhor. Todavia, é possível perceber que elas se completam no mistério da vida cristã: se Marta “não tivesse escutado o verbo, não teria assumido o encargo do serviço” e Maria “soube obter muitas graças do perfeito exercício das duas virtudes, a ponto de ungir os pés de Jesus”.<sup>7</sup>

## 1.2 Comentário do texto versículo por versículo

Neste item, é feito um comentário dos versículos de Lc 10.38-42, comparando o grego com a tradução portuguesa, pesquisando e analisando as diversas interpretações dos autores, sobre a história de Marta e Maria:

<sup>38</sup> Ἐν δὲ τῷ πορεύεσθαι αὐτοὺς αὐτὸς εἰσῆλθεν εἰς κώμην τινά· γυνὴ δὲ τις ὀνόματι Μάρθα ὑπεδέξατο αὐτόνα

<sup>38</sup> Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa.

Neste versículo, parece estar faltando alguma palavra: “recebe-o na casa dela” parece que estaria no original. Porém, os copistas suprimiram de vários modos, alguns, introduzindo οἰκίαν, outros οἶκον, cada qual com o seu “αὐτόν”.

<sup>39</sup> καὶ τῆδε ἦν ἀδελφὴ καλουμένη Μαριάμ, [ἡ] καὶ παρακαθεσθεῖσα πρὸς τοὺς πόδας τοῦ κυρίου ἤκουεν τὸν λόγον αὐτοῦ.

<sup>39</sup> Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos.

<sup>7</sup> AMBRÓSIO *apud* LEXICON, 2003, p. 467.

Marta, que significa “Senhora”, aparece só no Novo Testamento, em Lc 10.38-41; Jo 11.1-5;12.2 e também sempre se refere à mesma pessoa: Marta, irmã de Maria e Lázaro. Alguns julgam que ela tenha sido esposa de Simão, o leproso. Porém, quanto a esta questão, não tem nenhuma prova. Sua cidade natal era Betânia, embora a posição da história dê a impressão de se tratar de algum lugar na Galileia. Lucas não deu atenção à cronologia, narrou um incidente ocorrido fora da Galileia, em algum tempo não-especificado, que deve ter ocorrido durante uma das muitas viagens de Jesus para fora da Galileia.

Maria, nome que significa rebelião, provavelmente faz alguma alusão à rebelião encabeçada por Miriã, irmã de Moisés (Nm 12.1). Até aí não se faz qualquer referência ao se reclinar à mesa, mas Maria se assentava como qualquer discípulo costumava se sentar aos pés de seus mestres. Em Jo 11.20, Maria também aparece assentada, o que contrasta com a inquieta e atarefada Marta. As traduções variam muito de manuscrito para manuscrito; alguns dizem: aos pés de Jesus, outros aos pés do Senhor. Jesus aparece no manuscrito P<sup>75</sup>, e Senhor em **Ⲛ**, B<sup>1</sup>, L e alguns poucos outros manuscritos.

O comportamento de Marta e Maria são analisados minuciosamente:

<sup>40</sup> ἡ δὲ Μάρθα περιεσπᾶτο περὶ πολλήν διακονίαν· ἐπιστάσα δὲ εἶπεν, κύριε, οὐ μέλει σοι ὅτι ἡ ἀδελφή μου μόνην με κατέλιπεν διακοινεῖν; εἶπὲ οὖν αὐτῇ ἵνα μοι συναντιλάβηται.

<sup>40</sup> Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em sua diaconia. Então, se aproximou de Jesus e disse: “Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me”.

Marta não se dirigiu diretamente à sua irmã, provavelmente sabendo que não conseguiria desviá-la de sua contemplação; então, apelou para Jesus a fim de interromper a conversa e vir ajudá-la em sua diaconia. O termo “ocupada”, em grego, significa simplesmente distraída. Marta, ao invés de colocar sua atenção em Jesus, preocupava-se com outros afazeres.

<sup>41</sup> ἀποκριθεὶς δὲ εἶπεν αὐτῇ ὁ κύριος· Μάρθα Μάρθα, μεριμνᾷς καὶ θορυβάζῃ περὶ πολλά,

<sup>41</sup> Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muita diaconia.

“Jesus mesmo amigavelmente, censura Marta, que havia censurado sua irmã Maria. Trata-se de uma questão de relações humanas, num momento de acolhimento de um hóspede, mesmo quando este não se chamar Jesus”.<sup>8</sup> Se isto vale para as relações normais de nossa vida, quanto mais para um hóspede como Jesus. Marta parece que ainda não compreendeu bem o quanto é valioso seu hóspede. Porém, por outro lado, sente-se muito à vontade para lhe pedir a ajuda.<sup>9</sup>

<sup>42</sup> εἰδὸς δὲ ἐστὶν χρεία· Μαριὰμ γὰρ τὴν ἀγαθὴν μερίδα ἐξελέξατο ἥτις οὐκ ἀφαιρεθήσεται αὐτῆς<sup>2</sup>

<sup>42</sup> Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada.

Este texto deu margem a algumas interpretações errôneas, tal como aquela que afirma que a intenção de Lucas era mostrar a diferença entre uma cristã judia e uma cristã paulina. Marta representaria a forma mais presa do cristianismo e Maria representava a forma paulina mais livre e desimpedida. No entanto, é possível perceber que o sentido desta passagem é claro. A adoração ao Senhor é uma necessidade, porém, com tranquilidade de espírito para buscar, a cada momento, em toda e qualquer ação humana, o essencial.

Por outro lado, Marta é símbolo de alguém que, embora religiosa, se ressentia da falta de sinceridade e companheirismo de sua irmã. Contudo, Jesus não condena a atividade de Marta, mas aquela atividade que furta os momentos de calma e não deixa a vida espiritual progredir.<sup>10</sup>

### 1.3 Alguns aspectos da vida de Marta e Maria

Marta e Maria, provavelmente, eram duas irmãs, solteiras, simples, sem filhos, proprietárias da casa em que moravam. De todas as mulheres da Bíblia, são elas as mais mencionadas. Maria foi um símbolo da mulher piedosa: quieta e devotada, senta-se calmamente aos pés do Senhor. Ela ensina que o Senhor merece dedicação exclusiva. Segundo Martha Stewart, Marta é descrita como a

<sup>8</sup> CERAGIOLI, Ferruccio, *Sete mulheres do Evangelho: uma Introdução à oração*. São Paulo: Ave-Maria, 2008. p. 113.

<sup>9</sup> CERAGIOLI, 2008, p. 111-113.

<sup>10</sup> LEXICON, 2003, p. 111-112.

original, a mulher de Pv 31, no Novo Testamento: “ela dá fé de tudo, chama a atenção de todos, abre a boca em favor do mudo e defesa dos desfavorecidos. Abre a boca e dá sentenças justas, defendendo o pobre e o indigente” (Pv 31.2-9).<sup>11</sup> Se Marta estivesse viva hoje, certamente ela seria do tipo que gostaria de organizar a escola de seus filhos, coordenar a angariação de fundos para as suas instituições de caridade e outras atividades do gênero. Apesar de seus grandes talentos, era conhecida como distraída e pouco devota, em relação à Maria.

A maioria dos encontros de Jesus com as mulheres, no Novo Testamento, foram eventos únicos. No entanto, a Bíblia relata três experiências distintas em que Jesus esteve com Maria e Marta, dando motivos para acreditar que houve mais encontros. O Primeiro e mais famoso é aquele em Betânia, no qual Marta está ocupada com os preparativos para a visita de Jesus, enquanto Maria está sentada aos seus pés (Lc 10.38-42). O segundo encontro ocorre em torno da morte e ressurreição miraculosa de Lázaro, irmão delas (Jo 11.1-57). O terceiro ocorre na vida de Jesus, em várias passagens relatadas pelos evangelistas (Mt 26.6-13; Mc 14.1-10; Jo 12.1-13).

Olhando este primeiro episódio, Marta poderia ser descrita como a “anfitriã perfeita”. Certamente ela sabia bem os gostos de Jesus e queria servi-Lo da melhor maneira possível. Jesus estava ali não porque era uma pensão boa. João explica a razão das visitas de Jesus: “Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro” (Jo 11.5). O amor de Jesus por elas e por ele era único:

Marta e Maria ocupavam um lugar singular na vida de Jesus. Esse afeto mútuo não brota da gratidão por doenças curadas ou pecados perdoados. É espontâneo, fundamentado no caráter, na solidariedade e na amizade. Esse é o significado da palavra no texto original utilizado aqui e a qual foi traduzida por amor.<sup>12</sup>

Na época, não se aceitava uma amizade entre homens e mulheres. Contudo, Maria e Marta abriram repetidas vezes a casa para ele, parece que elas também abriram o coração. Elas o acolheram bem, o honraram e o serviram em mais de uma ocasião, inclusive no último jantar, conforme registrado em Jo 12.1-13.

---

<sup>11</sup> Marta Stewart, responsável por um programa de televisão e publicações que tratam da administração do lar, desde a decoração até a culinária, é muito popular nos Estados Unidos, STEWART *apud* BANKS, Vickey. *Intimidade com Deus*. aprendendo com as mulheres que conviveram com Jesus. São Paulo: Shedd, 2005. p. 135.

<sup>12</sup> KARSSSEN *apud* BANKS, 2005, p. 137.

É evidente que elas sempre acreditaram e confiaram em Jesus, como ficou constatado nas palavras proferidas por Marta logo após a morte de Lázaro: “sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo” (Jo 11.27).

### **1.3.1 Uma casa de aconchego**

Marta e Maria preparavam um refúgio calmo para Jesus, onde Ele poderia simplesmente ser ele mesmo. Em troca, ele lhes ofereceu sua amizade. Hoje, Ele nos convida a esse mesmo aconchego, através das palavras de 1Co 1.9: “fiel é Deus, o qual os chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”. Na verdade, são muitas as passagens que nos impelem a uma verdadeira amizade com Deus. Outra muito bonita é a do Salmo: “o Senhor confia os seus segredos aos que o temem, e os leva a conhecer a sua aliança” (Sl 25.14).

Maria tem verdadeira reverência para com Jesus, conforme os textos bíblicos: “Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra” (Lc 10.39). Uma segunda vez Maria se senta aos pés de Jesus, quando Ele retornou à sua casa na morte de Lázaro: “chegando ao lugar onde Jesus estava e vendo-o, Maria prostrou-se aos seus pés e disse: ‘Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido’” (Jo 11.32). No entanto, o maior ato de reverência de Maria foi o último, quando ela unge Jesus com bálsamo. Essa atitude tocou Jesus de tal forma que, quando os outros a repreenderam por usar aquele perfume caro, ele a defendeu dizendo: “Deixem-na em paz [...] Ela praticou uma boa ação para comigo” (Lc 14.6). Praticar boa ação é essencial para qualquer pessoa, quanto mais para o amigo.

Acontece que Lázaro, irmão de Maria e Marta, ficou doente. As irmãs enviaram uma mensagem a Jesus, pressupondo que Ele viria para curar o irmão, a quem amava muito. Afinal, Ele não gostaria que qualquer um de seus amigos especiais sofresse. Como muitas vezes acontece, os caminhos de Deus não são os nossos. Jesus escolheu esperar alguns dias antes de retornar à Judeia para ver Lázaro. Ele, intencionalmente, esperou até que soubesse de sua morte. É fácil imaginar porque Maria e Marta estavam desapontadas com o atraso de Jesus. Embora cada uma delas conversasse com Jesus separadamente, suas palavras eram exatamente as mesmas: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria

morrido” (Jo 11.21-32). Em outras palavras, “o Senhor poderia ter feito alguma coisa”. É possível perceber a dor transmitida nas palavras destas mulheres. Elas estavam desoladas. O irmão morrerá. Agora eram duas irmãs solteiras que moravam sozinhas. E Jesus, o querido amigo, aquele a quem generosamente ofereceram sua casa e também seu coração, poderia ter salvo Lázaro da morte e tê-las poupado desta dor. Porém, Ele não fez isso.<sup>13</sup>

A pesar de estarem tomadas pela dor da morte de Lázaro, que Jesus poderia ter evitado, elas não se deixaram dominar pela tristeza. Antes que Ele respondesse às acusações sutis de Marta, o verdadeiro caráter dela brilhou em meio à emoção e acrescentou: “mas sei que, mesmo agora, Deus te dará tudo o que pedires” (Jo 11.22). Marta tinha o coração despedaçado, mas sua fé era firme. Jesus reage à devoção inabalável de Marta por Ele. Ele revela algo que ainda não havia acontecido a ninguém. Suas palavras foram um grande conforto para Marta e para muitas outras pessoas enlutadas há séculos: “eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Você crê nisso”? (Jo 11.25-26).

Marta não compreendeu tudo o que Jesus estava lhe dizendo. Porém, naquele momento, ela proferiu uma verdade que os outros discípulos ainda tinham dificuldades para compreender: “sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo” (Jo 11.27). Marta, apesar de desapontada, expressou honesta e abertamente sua dor ao professar verbalmente sua fé. A resposta de Maria também foi reveladora e fiel; estava chorando e não conseguiu dizer nada mais. No entanto, seu jeito de ser disse o que suas palavras não expressaram e, mais uma vez, colocou-se aos pés de Jesus, e sua fé permaneceu inalterada. E Jesus chora a morte de Lázaro (Jo 11.35). As respostas de Jesus a Maria e Marta certificam a possibilidade de apresentar as emoções a Jesus, na certeza de que Ele “já escutou e compreendeu nossos suspiros não verbalizados antes mesmo que a palavra lhe chegasse à língua”.<sup>14</sup>

Segundo Ruthann Williams, “Marta e Maria eram duas irmãs que moravam em uma pequena cidade perto de Jerusalém”.<sup>15</sup> Jesus foi a este povoado e fez uma

---

<sup>13</sup> BANKS, 2005, p. 141.

<sup>14</sup> BANKS, 2005, p. 135-142.

<sup>15</sup> WILLIAMS, 2001, p. 135.

visita à casa de Marta e Maria. Estas se sentiram muito à vontade com o visitante. Neste episódio, parece que a escritura relata apenas uma pequena parte da história. Porém, esta história parece ter acontecido assim: Jesus, enquanto caminhava, entrou em um povoado, e certa mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã, Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e ficou escutando a sua palavra. Marta chegando perto do Senhor disse: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço? Manda que ela venha ajudar-me!” O Senhor, respondeu: “Marta, Marta! Você se preocupa e anda agitada com muitas coisas; porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada”.<sup>16</sup>

Por muito tempo, esta fala não foi compreendida. Afinal, se não houvesse nenhuma refeição na casa, como ficaria Jesus? Temos muitos exemplos em nossas famílias, logo que chegam as visitas, quando os homens se reúnem para jogos e outros entretenimentos, enquanto nossas mães correm de um lado para outro para preparar petiscos, o café, a mesa com toalhas brancas e muitos trabalhos para agradá-los. Porém, ao analisar a fala de Jesus nessa história, outros aspectos aparecem, de acordo com Williams:

Depois que Jesus falou com Marta. O que aconteceu então? Parece que a história continua. Marta disse: ‘Mas Senhor, você não está com fome? Se eu não preparar a comida não haverá nada para você e seus amigos comerem’. Jesus olhou para ela com grande amor e disse: ‘Marta não precisa ser uma refeição requintada. Qualquer coisa simples está bom’. Então Jesus e Maria foram para a cozinha e juntos conversaram, e ajudaram Marta no que precisava para preparar a refeição.<sup>17</sup>

Enquanto preparavam, Jesus continuou a falar para elas sobre o reino de Deus, que é como preparar e repartir alimentos:

O reino de Deus é como uma mesa posta cheia de pães frescos e vinho tinto. A mesa está servida para todos que quiserem comer. Mas alguns passam por ela preocupados demais com as riquezas de sua própria mesa para quererem sentar-se para o pão e o vinho. Alguns passam envolvidos demais com seus negócios que nem sequer vêem o que está sendo oferecido. Alguns ficam desconfiados de qualquer coisa que é oferecida de ‘graça’. Mas alguns param, sentem o delicioso aroma do pão fresco, notam o vermelho forte do vinho, e dedicam um tempo para se refrescar,

---

<sup>16</sup> WILLIAMS, 2001, p. 135.

<sup>17</sup> WILLIAMS, 2001, p. 136.

agradecendo a Deus por essas dádivas tão generosamente oferecidas e repartidas.<sup>18</sup>

Logo a refeição ficou pronta e eles se sentaram para comer. Nesta hora, Lázaro chega do trabalho e se alegra com eles. Enquanto come, percebe algo de diferente entre suas irmãs, mas não podia imaginar o que teria acontecido. No entanto, estavam felizes. Marta estava mais tranquila, Maria ajudou a limpar a mesa, alguma coisa tinha mudado. Nesta análise, tanto o trabalho de Marta quanto o de Maria são valorizados.

#### **1.4 O poder curador de Jesus**

Marta e Maria, irmãs de Lázaro, são duas mulheres protagonistas que tecem um profundo diálogo com Jesus. Desta vez, não é Maria, mas Marta aquela que estava preocupada com a melhor maneira de servir. Marta se mostra uma mulher sábia e ativa. É ela quem recebe Jesus, mas agora não em sua casa, onde estão Maria e outros judeus conhecidos que chegaram para consolá-las pela morte de Lázaro. Marta sai ao encontro de Jesus, enquanto Maria fica em casa, recebendo as visitas. Nesta passagem, Jesus não entra na casa, onde estão chorando a morte de Lázaro (Jo 11.1-44); Ele vai até o sepulcro onde estava o corpo e o ressuscita, mostrando ter poder para isto, já que veio para dar a vida.

Marta e Jesus dialogam sobre a ressurreição e a vida eterna, a fé em Jesus que dá vida para sempre, mesmo após a morte física. Marta explicava o que havia aprendido e Jesus a corrigia, mostrando maneiras diferentes de ver as coisas misteriosas de Deus. Neste diálogo, Jesus diz a ela: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim ainda que morra, viverá”, e pergunta-lhe “Crês isto”? E Marta responde com grande fé e segurança: “sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo” (Jo 11.27). Ao proclamar a fé em Jesus como Messias, Marta estava contrapondo o poder de Jesus, que dá a vida, ao poder patriarcal, que era o controlador da vida. Com estas palavras, Marta assume a proposta alternativa do movimento de Jesus. A situação em que viviam era delicada. Aderir ao movimento de Jesus vivendo na Judeia e perto de Jerusalém era arriscado. Jesus propunha muitas coisas novas em relação à cultura e às tradições religiosas e sociais. Não obstante, muitos homens e mulheres aderiam ao

---

<sup>18</sup> WILLIAMS, 2001, p.137.

movimento porque estavam descontentes com a situação e queriam algumas mudanças.<sup>19</sup>

Jesus cura Maria, Marta e Lázaro: Marta foi curada quando Jesus mostrou a ela a “melhor parte”. Ele não estava sugerindo que as tarefas domésticas fossem inúteis ou algo que devesse ser negligenciado. Jesus sabia das necessidades domésticas. O que Ele mostrou para Marta foi que qualquer tarefa pode se tornar “inferior” se interferir no relacionamento com Ele. Maria foi curada do mesmo mal, embora de maneira diferente. No mundo judaico, era um privilégio para o homem estudar teologia, “sentar aos pés” da sabedoria de Deus e aprender dEle. Só a presença de Jesus ali em sua casa já era suficiente para libertar Maria dos limites impostos pela cultura. Um ensinamento popular dizia: “seria melhor que as palavras da Torá fossem queimadas a serem confiadas a uma mulher”.<sup>20</sup> Jesus, todavia, não acredita nisso. Por isso, deu total liberdade à Maria. Na liberdade que Jesus ofereceu para Maria e Marta, Ele as ensinou que o estereótipo pode nos amarrar, mas o importante é descobrir em si a maneira como Deus nos criou e nos amou.

Embora Marta tenha sido criticada durante séculos, foi ela, e não Maria, quem proclamou o poder de Jesus na história da ressurreição de Lázaro (cf Jo 11). Quando Jesus chegou a Betânia, ouviu dizer que Lázaro estava doente, e foi Marta quem saiu correndo para encontrá-lo. Ela não esperou que Ele viesse até sua casa. Marta, com bastante firmeza, deu um salto, atravessou correndo a porta e foi para fora e, depois de ter repreendido delicadamente a Jesus, disse: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também agora sei tudo o que pedires a Deus, Deus to concederá” (Jo 11.21-22). Marta então proclamou o louvor de sua fé, antecedendo o louvor de todos nós cristãos.

É sabido que Marta não havia mudado sua personalidade. Ela continuava a mesma: sincera e rápida ao agir. Não tinha se tornado Maria, não tinha transformado a si mesma em outra personalidade. Ela ainda era a Marta firme e graciosa. Com a aproximação de Jesus e ouvindo também sua palavra, ela descobre o que muitos não conseguiram: “o homem Jesus era o verdadeiro Filho de Deus”.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, O Cristo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 27-31.

<sup>20</sup> WILLIAMS, 2001, p.139.

<sup>21</sup> WILLIAMS, 2001, p.135-146.

Após o diálogo com Marta, Jesus foi até o sepulcro, e muita gente o acompanhou. Era uma gruta escavada na rocha cuja entrada estava coberta por uma grande pedra. Jesus ordenou: “por favor, retirem a pedra!”. Marta disse: “Senhor, o corpo já cheira mal, pois está aí há quatro dias...”. Ele lhe disse: “Marta, se você crê, verá a glória de Deus!”.

Tiraram, pois a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: “Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que tu me enviaste”. E, tendo dito isto, clamou com grande voz: “Lázaro, sai para fora”. E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: “Desligai-o, e deixai-o ir” (Jo 11.41-44).

Marta e Maria choram agora de alegria, vendo o irmão vivo, ressuscitado dentre os mortos. Marta, Maria e Lázaro eram irmãos, tinham o mesmo amor por Jesus e acreditavam verdadeiramente que Ele era o Filho de Deus, mas cada um tinha seu jeito próprio de seguir o Cristo.<sup>22</sup>

#### **1.4.1 O toque que cura**

Analisando os processos de cura narrados pelos evangelhos, Jesus toca a pessoa doente com as mãos, e de suas mãos sai uma força que põe em pé quem está caído no chão, quem é incapaz de se mexer, quem está paralisado por enfermidades (Mc 1.29-31; Lc 4.38-39; Jo 5.5-9); como no caso da morte de Lázaro e da fé de Marta e de Maria. Jesus, tocando as pessoas, não apenas demonstra bondade, proximidade, ternura e cuidado, “mas muda o conceito de Deus pregado pelos sacerdotes do seu povo [...] O Deus de Jesus é um Deus que acaricia os excluídos. Tocando e abraçando, Jesus demonstra quem são seus preferidos”.<sup>23</sup>

Jesus, com gesto de aproximação e de toque, valoriza o corpo. Gestos são considerados importantes até nossos dias para a recuperação da pessoa doente, pois o toque leva a pessoa se sentir acolhida, amada, lembrada e importante para alguém. O contato físico de Jesus valoriza e transforma as pessoas, despertando nelas o desejo de viver, servir e seguir seu caminho. Em toda a vida e atividade de Jesus, aparece um grande número de mulheres castigadas com diversas doenças.

---

<sup>22</sup> BRAZÃO, Suely Mendes. *Mulheres da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1998. p. 117-120.

<sup>23</sup> ROMANO, Amélia Hakme. Memória das curas familiares. *A Palavra na Vida*, São Leopoldo, n. 250, 2008, p. 64.

Porém, o Evangelho revela que, dentre as inúmeras curas, é significativo o número de mulheres libertadas.

É através do corpo que se sente, comunica-se sentimentos e se entra em comunhão com outros corpos. Quando tocamos alguém, nunca tocamos só o corpo, tocamos a pessoa, pois neste corpo tocado está toda a memória de sua existência; no corpo está registrada, com marcas profundas, a vivência da pessoa desde a infância até a vida adulta. O corpo é o território em que se dão as relações, os encontros; é o corpo que faz a ligação com o sagrado, com o cosmos e com a história. O toque com as mãos é um gesto concreto e simbólico que expressa aproximação e é atitude de quem se coloca junto à situação de sofrimento em que a pessoa se encontra. O toque gera um estado de comunhão com o doente, e o tira da solidão e da exclusão; dá à pessoa a certeza de que alguém se importa com ela, e isso a estimula na busca da cura.

Em todo o processo de cura, é fundamental e imprescindível a participação ativa do doente, pois a vontade e o empenho em querer estar bem tem enorme influência em seu estado de saúde física, emocional e social. É ele quem expressa todo desejo de vida plena na direção à plenitude da vida. A saúde é uma conquista que depende muito de quem a deseja. Normalmente, são as pessoas que tomam a iniciativa nos processos de cura, são elas que acreditam no poder de Jesus. É a fé que faz as pessoas doentes buscarem a cura, são elas que assumem atitudes corajosas e ousadas, vencem o medo das determinações legais e permitem que Jesus as ajude. O resultado é a cura e a cura remete ao compromisso do anúncio e do serviço à comunidade.

As relações de Jesus, tanto com homens quanto com mulheres como Marta e Maria, são relações de corporalidade. É no corpo que, em primeiro lugar, se percebe o efeito da cura. São as relações que curam, são as relações qualitativas desprovidas de preconceitos, de julgamentos, relações de proximidade e acolhida que são sólidas também para os dias de hoje, quando inúmeras terapias são realizadas com toques e relações mais pessoais.<sup>24</sup>

A paz é outra força de cura. Por isso, Jesus disse: “felizes os pacificadores porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.9). Felizes são os pacificadores

---

<sup>24</sup> ROMANO, 2008, p. 64-67.

que aplacam a ira, os que procuram vidas dilaceradas, corações partidos, almas feridas, para, de algum modo, aliviá-las. Assim, manifesta-se o amor ao próximo.

O discurso sobre o amor é o mais solene, mais contundente anúncio de Jesus. Ele não tem precedente na história. Ele difundiu amplamente o “ama o próximo como a ti mesmo” e lembra uma necessidade vital de construir a autoestima para amar. O modo adequado de amar é começar a valorizar a vida, considerá-la, enxergá-la, descobri-la. Para Jesus, a vida era a obra prima do seu Pai. O compromisso de amar a vida e de amar o próximo é, acima de tudo, um compromisso com a saúde física e psíquica. “Quem não ama a si mesmo não tem saúde emocional, quem não ama o próximo não tem saúde social”.<sup>25</sup> Nesse aspecto, o amor de Marta, Maria e Lázaro mostra que o amor supera a doença e até mesmo a morte.

---

<sup>25</sup> CURY, Augusto. *Maria a maior educadora da história: os dez princípios que Maria utilizou para educar o menino Jesus*. São Paulo: Planeta/Câmara Brasiliense, 2007. p. 69-72.

## **2 A MULHER NA SOCIEDADE ISRAELITA**

Neste capítulo, são apontados alguns dados sobre a participação das mulheres na sociedade israelita, considerando seu papel na família, na relação homem-mulher, e sua relação com a proposta de Jesus.

### **2.1 Participação de mulheres numa sociedade patriarcal**

Praticamente em todo o Oriente Médio, a mulher não participava da vida pública, com algumas exceções, como a das esposas de reis, quando exercem função de conselheiras; porém, estas não têm primazia em qualquer cargo. Entretanto, podemos constatar que os israelitas, no começo de sua história, viviam como tribos nômades e a chefia do clã cabia exclusivamente ao varão, cujo poder estava diretamente ligado ao número de membros da tribo. Daí a importância da mulher, que garantia a descendência do clã, no período tribal e também após a sedentariedade.

É importante compreender alguns aspectos dessas culturas, para melhor entender a situação da mulher. Para os israelitas, no sangue residia a vida de ser. Eles não faziam distinção entre corpo e alma; para eles, o ser humano constituía uma unidade, cuja vida estava no sangue. Esses conceitos, muitas vezes vistos com desprezo, encerravam uma grande sabedoria: respeitava-se o sangue porque continha algo do mistério da vida, algo de transcendente ao domínio humano. Esse mistério da vida, que constitui uma das riquezas da mulher, infelizmente, no decorrer do tempo, reverteu-se contra ela. Para o israelita, era tão importante não manipular o sangue que todo aquele que entrasse em contato com ele era considerado impuro. Assim, quem o fizesse tinha que se purificar por haver tocado em algo proibido. Sendo assim, a mulher, em razão de seu ciclo menstrual, tornava-se impura todos os meses (Lv 15.19-30). Conseqüentemente, todos os meses a mulher deveria se purificar. Esse conceito cultural influenciou enormemente no sentido de que a mulher fosse considerada um ser mais “impuro” do que os homens.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> LIGHTFOOT, Neil R. *O papel da mulher: perspectivas do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Cristã, 1979. p. 12.

No Oriente Próximo, Mesopotâmia, Ásia Menor e até mesmo no Egito, as sociedades tinham estrutura patriarcal. As mulheres, especialmente as mais ricas, possuíam certa liberdade, mas suas prerrogativas eram claramente limitadas em comparação às dos homens. Na sociedade grega, a posição da mulher variava de acordo com a época e o lugar, mas quase sempre era inferior à do homem. O homem ateniense casava para ter filhos; a esposa era destinada à procriação. As mulheres viviam em separado, eram pouco vistas em público e recebiam pouca educação (apenas músicas, danças e jogos sociais). O casamento era monogâmico; muitos exemplos artísticos e literários mostram a afeição que existia entre marido e mulher.<sup>27</sup>

## 2.2 A mulher na família

O sexo é um dado fundamental da natureza humana. O Criador fez o ser humano “macho e fêmea” (Gn 1.27). Diferente dos animais, a mulher, feita do mais íntimo de Adão, tem a mesma natureza que ele; é o que ele constata ao ver a mulher. Adão nela se reconhece, quando lhe é apresentada. Ele muda seu próprio nome: já não é mais Adão, mas diante de sua companheira será o varão, “אִישׁ” e ela será a varoa, “אִשָּׁה”.<sup>28</sup> No plano da criação, a mulher é a companheira do homem, tomando-o como seu esposo (Gn 3.16). A mulher não só inicia a vida em sociedade; mas ela é a “mãe de todos os viventes”. Enquanto muitas regiões gostam de comparar a mulher com a “terra”, a Bíblia a compara, a identifica com a vida. Ela é, segundo o sentido de seu nome de natureza, “Eva, a Vivente” (Gn 3.20).<sup>29</sup>

A família israelita antiga é de tipo patriarcal. Nela, tudo se compreende desde o ponto de vista do pai. O pai goza de total autoridade sobre a “casa” e sobre todas as pessoas ligadas à família. O marido é o senhor (בַּעַל) da mulher. Porém, a solidariedade familiar é bastante forte. Flavio Josefo, ainda no primeiro século do cristianismo, escreveu em seu livro *Contra Apião*:

<sup>27</sup> Citação de Mt 1.11: “e em todo lugar lhe é queimado incenso”. Isto ocorre em um contexto de adoração. Didache 14.1-3 associa da mesma maneira “em todo lugar” com adoração, pois cita Mt 1.11 e aplica a passagem à assembleia no Dia do Senhor. “Em todo lugar”, diz Barrett, significa “todo lugar de reunião” (cf 1Co 1.2; 1Ts 1.8). BARRETT *apud* LIGHTFOOT, 1979, p. 12.

<sup>28</sup> DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 626.

<sup>29</sup> DUPLACY; GEORGE; GRELOT, 2008, p. 626.

“A mulher, diz a Lei, é inferior ao homem em todas as coisas. Ela deve obedecer não para se humilhar, mas para ser dirigida, pois foi ao homem que Deus deu o poder” (2.24). “As mulheres, escravos, crianças”, são quase sempre associados em suas citações. Recomendava-se aos homens a seguinte prece: “Louvado seja Deus que não me criou mulher”.<sup>30</sup>

Na Palestina, no tempo de Jesus, na cultura androcêntrica e patriarcal, a mulher não aprendia a ler; a sua palavra não valia para o testemunho público. Contudo, uma grande porcentagem de homens também não tinha acesso à leitura e à escrita. Não era recomendado aos homens cumprimentar as mulheres ou falar com elas nas ruas. A única forma de ter certo reconhecimento era por meio da fecundidade maternal.

As relações familiares eram marcadas e bem definidas para o homem, para a mulher, para os filhos e para os pais. A mulher devia moer, cozinhar, lavar, amamentar os filhos, fazer a cama do marido e, para compensar a sua manutenção, fiar e tecer a lã. Alguns autores ainda acrescentam que ela devia preparar a bacia para o marido tomar banho. Ela era obrigada a obedecer ao marido como seu senhor, e esta obediência se revertia em dever religioso. Estas são ocupações das mulheres ainda hoje, mas com outras atividades e instrumentos.<sup>31</sup> Segundo Afonso Murad, a situação não era igual em todas as regiões e nem para todas as mulheres:

Com todas estas limitações, a mulher judia ainda gozava de uma situação melhor que as mulheres de outros povos mediterrâneos. Na tradição deuteronomista, em especial os profetas, reservam alguns direitos à mulher e principalmente ao representar o Deus amor, pela analogia do matrimônio, elevando assim a dignidade da mulher.<sup>32</sup>

Porém, as coisas não eram tão simples assim. “No matrimônio o homem tomava posse da mulher”.<sup>33</sup>

Era o costume comprar a esposa pagando por ela um preço estipulado pelos pais do noivo, ou pelo próprio noivo, caso este fosse adulto. Sendo propriedade do marido o pecado do adultério da esposa feria diretamente o direito de propriedade do esposo. Tanto a adúltera quanto o homem que houvesse pecado com ela eram apedrejados. Outro fato que contribuía para a desigualdade entre o homem e a mulher era a poligamia: somente ao homem era permitido ter diversas esposas. Para a tribo, o matrimônio

<sup>30</sup> JOSEFO *apud* MORIN, Émile. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 56.

<sup>31</sup> JEREMIAS *apud* MURAD, Afonso. *O que Maria tem a dizer as mães de hoje*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 40.

<sup>32</sup> MURAD, 1997, p. 40-41.

<sup>33</sup> HISTORIA MUNDIAL DE LA MUJER *apud* LADISLOA, Maria da Glória. *As mulheres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 13.

significava que a mulher havia entrado para a família do esposo, e conseqüentemente, ele tinha o direito de ampliar livremente suas uniões.<sup>34</sup>

O que mais valorizava a mulher nesta sociedade, e ainda hoje, em muitos grupos e etnias, é maternidade.<sup>35</sup> Em várias tribos e nações na África, principalmente em Angola, onde vivi durante quase nove anos, a mulher estéril é repudiada pela família do marido e, muitas vezes, mesmo a contra gosto deste é despedida de sua casa. Mesmo que de modo superficial, é necessário analisar a vida de Marta e de Maria e sua relação com Jesus, numa sociedade que subestimava as mulheres que não tinham filhos. Como entender o carinho de Jesus por tais mulheres? O que se percebe é a amizade incondicional de Jesus. Ama por aquilo que a pessoa é, não leva em conta nenhum costume, tradição ou leis humanas.

A Bíblia coloca claramente a missão feminina no plano divino. A riqueza da mensagem evangélica deveria ter riscado das relações humanas o jugo masculino na sociedade patriarcal de Israel, que situava a mulher em uma posição legal inferior. Porém, nada disso mudou os planos do Criador, pois uma jovem é escolhida para ser a bendita entre todas as mulheres: gestou, deu à luz e amamentou o menino que, segundo Lucas, “será chamado o Filho do Altíssimo” (Lc 1.32). A presença desta mulher especial na História da Salvação confirma a importância da mulher como participante na perpetuação do último ato do Criador.

### **2.3 Mulher e as profissões**

Para melhor entender a passagem de Lucas que narra o encontro de Jesus com Marta e Maria, é necessário destacar que na sociedade israelita o papel principal da mulher era no lar e sob a tutela do marido. Estava praticamente excluída de qualquer possibilidade de participar de eventos públicos, com raras exceções. As mais altas posições na sociedade israelita, como o sacerdócio e os papéis monárquicos, nunca estiveram abertas às mulheres. São poucas as profetisas, escritoras, oradoras e líderes públicas. Na sociedade tribal, provavelmente as mulheres participavam mais ativamente de algumas profissões.

---

<sup>34</sup> LADISLOA, 1995, p. 15.

<sup>35</sup> LADISLOA, 1995, p. 11-15.

Débora, antes da monarquia, foi a única mulher a adquirir algum grau de projeção militar. Mesmo as mulheres de estirpe nobre encontraram dificuldades em ser aceitas, por seu direito de origem, como figuras públicas, ao passo que algumas ocupações de natureza mais técnica como o luto, música e magia, que também poderiam levar o praticante ao conhecimento público, estavam abertos tanto para praticantes femininos quanto masculinos. Porém, essas profissões eram consideradas inferiores àquelas proibidas para as mulheres. Com tudo isso, a mulher, a instigadora da civilização humana, vê-se impossibilitada de participar das lutas pelo poder e da tomada de decisões que determinam a forma dessa mesma civilização, sendo confinada a uma função sociobiológica que é extremamente importante para a continuidade da existência da sociedade, mas não é politicamente significante.<sup>36</sup>

Neste estudo, podemos perceber que o lugar da mulher no judaísmo variou segundo o contexto histórico, social, político e religioso. Ele se expressa em todos os campos da vida cotidiana, desde as diferentes rezas da liturgia até a divisão das tarefas no âmbito público e particular. Entretanto, não se deve generalizar, pois, nas cortes governamentais, poucos se preocupavam com o costume. Basta pensar a vida da rainha Alexandra que, durante nove anos, de 76 a 67 a.C, com prudência e muita energia, manteve nas mãos as rédeas do poder, não se distinguindo, em nada, das princesas dos ptolomeus ou dos selêucidos<sup>37</sup> ou da irmã de Antígono (último rei macabeu, de 40 a 37 a.C), que defendeu a fortaleza de Hircânia contra as tropas de Herodes, o Grande. Lembramos também Salomé, dançando diante dos visitantes de Herodes Antipas (Mc 6.22; Mt 14.6). Mesmo onde se conservavam rigorosamente os costumes, havia exceções. Realizavam-se algumas danças nos vinhedos das cercanias de Jerusalém; onde as moças se exibiam diante dos rapazes.<sup>38</sup> Porém, principalmente por razões econômicas, as mulheres dos meios populares não podiam levar uma vida totalmente retirada como as da alta classe, rodeadas de domésticos. Em muitos casos, a mulher precisa ajudar o marido em sua

---

<sup>36</sup> BRENNER, Athalya. *A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 195-197.

<sup>37</sup> WILLRICH *apud* JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 476.

<sup>38</sup> TA'AN, IV 8; b. TA'AN. 31<sup>a</sup> bar queriam considerar estas danças como uma sobrevivência de ritos dos mistérios dionisíacos; W. Witterkindt opinou contra, dizendo que essas danças no meio dos vinhedos eram uma reminiscência dos ritos da festa do casamento de Marduc, celebradas em Babilônia por ocasião da festa do Ano Novo. EISLER e WITTERKINDT *apud* JEREMIAS, 1983, p. 477.

profissão, às vezes mesmo como comerciante. No meio rural, as jovens vão à fonte, a mulher se dedica, juntamente com o marido e filhos, ao trabalho agrícola, vende azeitona à porta, serve à mesa.<sup>39</sup> Nos meios mais simples, havia menos rigor.

Podemos concluir, por exemplo, com a descrição das festas populares que se realizavam no átrio das mulheres, durante as noites da festa das Tendões: a multidão aí se via tão descontraída que foi necessário construir galerias para as mulheres, a fim de separá-las dos homens.<sup>40</sup> Porém, a evolução da mulher, acontecida ao longo do século XX, levou a mulher judia a exigir igualdade entre os gêneros em todas as circunstâncias da vida judaica, tanto na sinagoga quanto no lar. No entanto, nem todas as correntes religiosas judaicas, nem a sociedade em geral, estão conscientes desta situação.<sup>41</sup> Podemos concluir que a realidade de repressão da mulher, presente na sociedade judaica, não a impediu de conquistar espaços em seu dia a dia. Neste sentido, podemos compreender a atitude relacional de Jesus diante das mulheres de seu tempo e, neste contexto, principalmente com Marta e Maria.

---

<sup>39</sup> Cf. Mc 1.31; e par. Lc 10.38-42; Jo 12.2.

<sup>40</sup> JEREMIAS, 1983, p. 475-477.

<sup>41</sup> KOCHMANN, Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, 2005, p. 38-41. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_kochmann.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf)>. Vários acessos.

### 3 MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS

“O movimento de Jesus foi de renovação dentro do judaísmo. Jesus era judeu; judeus e judias aderiram ao movimento e o propagaram. Reconstruir a história do movimento de Jesus é reconstruir a história de judeus e judias do século I”.<sup>42</sup> Infelizmente, não foi possível fazer uma análise crítica mais profunda da situação da mulher judia, porque até o momento não encontramos uma reconstrução judaica feminista dos primeiros séculos. Qual era a situação da mulher no movimento de Jesus?

Por movimento de Jesus, entendemos o grupo formado por Jesus e seus discípulos na Palestina antes de sua morte e que continua até a destruição de Jerusalém no ano 70. Do ponto de vista sociológico, o movimento de Jesus é de renovação intra-judaica, contracultura, que questiona as duas instituições sociais e religiosas: a Lei e o Templo. Este movimento difere de outros, como por exemplo, os essênios de Qumran; ele não é de caráter exclusivo, mas inclusivo. Convoca a todos, de modo especial os excluídos pelo sistema vigente da Lei e do Templo. Os pecadores, as crianças, os leprosos, os pobres e as mulheres encontram acolhida e se reconhecem no movimento de Jesus.

Por isso, podemos explicar a atuação das mulheres neste movimento. Até a disposição do Templo em diversas partes refletia o sistema religioso discriminatório. Havia um pátio no qual podiam entrar os gentios; em outro átrio se permitia a entrada de mulheres judias, que não tinham acesso ao recinto dos varões. Também poderíamos falar da separação entre leigos e sacerdotes e ainda havia distinção entre Deus, os santos dos santos e o povo em geral; ou seja, era um sistema religioso racista, sexista e classista.

O movimento de Jesus diz não à discriminação, dá acesso ao Deus de todos os povos, especialmente àqueles que, por causa de sua situação, tinham menos possibilidades de experimentar a Deus no Templo e na Lei. Jesus anuncia o Reino de Deus que inclui a mulher, superando as estruturas patriarcais, e, por isso, a mulher se sente interpelada enquanto mulher. O Deus de Jesus restitui dignidade às mulheres, da mesma forma que aos homens. Neste contexto, é necessário entender

---

<sup>42</sup> STRÖHER, Marga Janéte. *A igreja na casa dela: papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs*. São Leopoldo: Com-Texto, 1996. p. 13.

a proibição do divórcio. A própria pergunta que fazem: “o marido pode repudiar sua mulher?”. Já ali mostra a vantagem do homem. Jesus responde: “A lei antiga permitia o divórcio por causa da dureza de vosso coração”. Para Jesus, as coisas têm que ser de outro modo. “Deus os fez varão e mulher e por isso o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá sua mulher, e serão dois numa só carne” (Mt 19.5). A intenção de Jesus não é estabelecer uma lei, mas denunciar uma lei injusta que discrimina a mulher, e promover a relação entre pessoas iguais. Assim se explica a reação absolutamente machista dos discípulos ante as palavras de Jesus: “se tal é a condição do homem a respeito de sua mulher, não vale a pena casar-se” (Mt 19.10). A reciprocidade total das relações entre o homem e a mulher é baseada na igualdade de suas condições pessoais e diante de Deus. Essa novidade de Jesus tem uma profunda repercussão histórica.

O anúncio do Reino de Deus rompe as estruturas patriarcais e implica uma forma nova de valorizar a mulher, que não se restringe à maternidade e às tarefas do lar. O fundamento radical de que Deus é nosso Pai é a subversão crítica de todas as estruturas de dominação, incluídas as patriarcais: “vós sois todos irmãos. Não chameis a ninguém de vosso pai na terra, porque um só é o vosso Pai. O maior entre vós seja o vosso servo. Pois quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado” (Mc 23.8-12). O “pai” Deus torna possível a fraternidade, a irmandade. Por isso, no movimento de Jesus, reconheciam-se os pobres, os marginalizados de várias classes, e entre eles as mulheres, encontravam em Jesus esperança e acolhida. Daí a participação protagonista feminina neste movimento.

É interessante perceber que, quando os textos falam genericamente dos discípulos ou do povo que seguia Jesus, é necessário incluir, em muitos casos, as mulheres; é um reflexo androcêntrico pensar só no masculino. Em várias ocasiões, surge dentre o povo o gesto ou palavra de algumas mulheres (Mt 5.25-34; Lc 12.27); presume-se daí que elas estariam presentes em muitos outros situações, e não foram citadas.

Lucas informa que em algum momento Jesus designou “outros setenta e dois discípulos e os enviou dois a dois diante de si” (Lc 10.1). Parece lógico que entre esses setenta e dois discípulos houvesse mulheres e, inclusive, casais, como conhecemos também hoje casais que se dedicam inteiramente à missão. Temos

testemunhas decisivas sobre o seguimento de Jesus por parte de um grupo de mulheres nos textos da morte de Jesus e nos acontecimentos pascais.

Os evangelhos coincidem em dizer que, aos pés da cruz de Jesus, se encontra um grupo de mulheres, ao passo que os varões fugiram. Porém, os sinóticos afirmam que mulheres O haviam seguido desde a Galileia (Mc 15.40; Mt 27.55; Lc 23.49). São discípulas porque seguiam a Jesus (οκαλουτηειν), comportamento típico dos discípulos. Essas mulheres romperam com sua situação anterior, entregaram-se à causa do reino de Deus e levavam vida itinerante e desinstalada no grupo de Jesus. Lucas explica claramente a participação de mulheres no ministério de Jesus e nos dá o nome de várias dessas mulheres, entre as quais sobressai Maria Madalena (Lc 8.3). São essas mulheres que testemunham a morte de Jesus e seu sepultamento: “olhavam onde era posto” (Mc 15.47; Mt 27.61; Lc 23.55); são elas também as primeiras a descobrir o túmulo vazio e a receberem o anúncio pascal (Mc 16.1-8; Mt 28.1-8; Lc 24.1-8). Também nos evangelhos de Mateus e João, o ressuscitado aparece em primeiro lugar a essas mulheres. São notáveis os acontecimentos da “morte de Jesus, a sepultura, a ressurreição e sua aparição, que são professados no credo cristão mais primitivo”<sup>43</sup> (1Cor 15.3-5) testemunhados por esse grupo de mulheres.

O grupo que participava do movimento de Jesus, como muitos outros existentes na Galileia daquele tempo, era um grupo como os outros e, ao mesmo tempo, diferente. Também crianças participavam: os filhos das discípulas e dos discípulos de Jesus. As crianças eram amadas e acolhidas por ele. Para elas, tinha espaço no grupo, Jesus brincava e as carregava no colo. Jesus costumava dizer que o Reino de Deus é para as crianças.

Neste grupo, igual e ao mesmo tempo diferente, havia espaço para as mulheres casadas, solteiras e viúvas; mulheres discípulas, ministras da palavra e da fração do pão. Tinha espaço para todos os empobrecidos. Era um lugar de resgate da dignidade. Ele contava histórias que devolviam a esperança ao povo massacrado pelos impostos dos romanos e do Templo. O grupo de Jesus era gente de caminho e de cura, mulheres e homens conhecedores da cura, cura pelas ervas e pelas

---

<sup>43</sup> FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 944-947.

palavras boas que saram feridas da alma e do coração.<sup>44</sup> Entende-se que o pensamento e a práxis de Jesus não se opunham nem rejeitavam os valores e a práxis do judaísmo, mas o movimento apresentava uma opção alternativa às estruturas patriarcais dominantes.<sup>45</sup>

Os relatos evangélicos apresentam o Jesus histórico, iniciador de um movimento itinerante carismático, no qual homens e mulheres são admitidos em relações de fraterna amizade, diferente do movimento de João Batista, marcado pela ascese e pela penitência. O movimento que Jesus instaura se caracteriza pela preocupação central da pregação do Reino como projeto histórico concreto, pela alegria da participação sem preconceito nas festas e refeições, às quais são admitidos pecadores e marginalizados em geral, e pela ruptura com uma série de tabus que caracterizavam a sociedade de então. Em todas estas rupturas, a mais evidente é a que tem relação com a mulher. A mulher no judaísmo do tempo de Jesus era considerada social e religiosamente inferior,

Primeiro por não ser circuncidada e, por isso não pertencer propriamente à Aliança com Deus; depois pelos rigorosos preceitos de purificação a que estava obrigada, devido à sua condição biológica de mulher; e finalmente, porque personificava Eva com toda a carga pejorativa que se lhe agregava.<sup>46</sup>

A tríplice prece judaica característica do rabinismo do século II vai refletir a mentalidade que já desde a época de Jesus é existente no judaísmo: nesta prece o judeu piedoso dava graças a Deus todos os dias por não ter nascido gentio, nem ignorante da lei, nem mulher. Neste contexto, a prática de Jesus se mostra não só inovadora, mas até mesmo chocante, pois surpreende até mesmo os discípulos (Jo 4.27). Os quatro evangelhos mostram que as mulheres fazem parte da assembleia do Reino convocada por Jesus, na qual não são simples componentes acidentais, mas ativas e participantes (Lc 10.38-42) e mesmo beneficiárias privilegiadas dos seus milagres (Lc 8.2; Mc 1.29-31 e tantas outras passagens do Novo Testamento). A promoção das mulheres por parte de Jesus traz um duplo aspecto dentro da teologia:

<sup>44</sup> SOAVE, Maria. *Luas... contos e em-cantos dos evangelhos*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-12.

<sup>45</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 136.

<sup>46</sup> BOFF *apud* BINGEMER, Maria Clara. *O segredo feminino do mistério: ensaios de teologia na ótica da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 105.

1) Trata-se do aspecto particular do Evangelho no seu essencial: A Boa Nova anunciada aos pobres libertados por Jesus: os deserdados e rejeitados, os pagãos, os pecadores e os marginalizados de toda sorte, entre os quais se incluem as mulheres e as crianças desconsideradas pela sociedade judaica. Todos estes Jesus faz destinatários e privilegiados de seu Reino. As mulheres são parte integrante e principal da visão e da missão messiânica de Jesus, elas aparecem como as mais oprimidas. Por isso são destinatárias privilegiadas do anúncio e da práxis libertadora de Jesus. 2) Este segundo aspecto está estreitamente entrelaçado com o primeiro. Trata-se da relação de Jesus com o corpo da mulher, dimensão central de sua discriminação. Jesus aceita as mulheres tais como eram, mesmo com seu corpo considerado fraco e impuro. Ele valoriza o ser humano em sua dimensão de corpo animado pelo sopro divino, como um todo, onde espírito e corporeidade é uma coisa só. Podemos lembrar as várias passagens onde Jesus aparece em contato mais direto com a corporeidade feminina, reafirmando sua dignidade e seu valor enquanto criação de Deus: Quando ele cura a mulher hemorroíssa (Mt 9.20-22; Lc 8.43). Quando Ele ressuscita a filha de Jairo (Mt 9.18-29). Todos estes corpos segundo as tradições, deixariam impuros quem os tocassem. Jesus mostra que a impureza vem do coração e não de fora. Também quando Jesus deixa-se tocar, beijar e ungir os pés por uma mulher conhecida pecadora pública, permitindo até que o fariseu ponha em dúvida sua condição de profeta (Lc 7.36-50).<sup>47</sup>

O movimento de Jesus mostra um jeito diferente de compreender Deus, porque experimentou a práxis de Jesus, um Deus que não chamou os justos e piedosos de Israel, mas seus deficientes religiosamente e seus marginalizados sociais. Em Jesus, Deus é experimentado como amor inclusivo, fazendo o sol brilhar e a chuva cair para os justos e pecadores (Mt 5.45). Este é um Deus de benevolência e bondade que aceita a todos e suscita justiça e bem-estar para todos, sem exceção. É um Deus de benevolência e bondade que aceita a todos os membros de Israel, especialmente os empobrecidos, os aleijados, os rejeitados, os pecadores e as prostitutas, na medida em que estão dispostos a entrar na perspectiva do reino. Porém, Ele frisa: “ninguém é bom senão Deus” (Mc 10.18b; Lc 18.19b).

As mais antigas tradições de Jesus perceberam esse Deus de bondade numa figura de mulher como a divina *Sofia* (sabedoria).<sup>48</sup> O dito antigo: “a sofia é justificada e exigida em nome da lei por todos os seus filhos” (Lc 7.35/Q/) teve provavelmente seu assentamento na comunidade onde Jesus passou e usou essa sabedoria com os coletores de impostos, prostitutas e pecadores. O Deus Sofia de Jesus reconhece todos os israelitas como seus filhos. A comunidade de Q qualifica este dito insistindo que os mais eminentes filhos da Sofia são João e Jesus.

<sup>47</sup> BINGEMER, 1991, p. 105-107.

<sup>48</sup> CHERIST *apud* SCHÜSSLER-FIORENZA, 1992, p. 166.

A teologia sapiencial judaica desenvolveu-se no Egito, mas também impregna a literatura apocalíptica e pode-se encontrar na teologia de Qumran. A partir do século terceiro a.C. a teologia sapiencial judaica celebrava a bondade graciosa de Deus ao criar o mundo e eleger Israel como o povo no meio do qual habita a presença divina da figura feminina da divina Sofia. Embora a teologia judaica (e cristã) fale de Deus em linguagem e imagens masculinas, insiste, no entanto, que essa linguagem e imagens não são “descrições” adequadas do divino, e a linguagem e experiência humanas não são capazes de contemplar e expressar a realidade de Deus. O segundo mandamento e a inefável santidade do nome de Deus são expressões bastante concretas dessa insistência.<sup>49</sup>

Todo o Novo Testamento foi tempo renovador para as mulheres bíblicas. Jesus teve atitudes acolhedoras com as mulheres e as considerava em igual dignidade com os homens, possuindo os mesmos direitos. São inúmeros os exemplos contidos nos evangelhos que mostram o respeito, a consideração e a misericórdia de Cristo pelas mulheres:

1. Jesus protege as mulheres contra o abuso de poder dos homens, recomendando que nunca se faça o divórcio;
2. Jesus tem em seu grupo de seguidores várias mulheres, como Susana e Joana;
3. Jesus conversa com uma estrangeira de Samaria, ousando romper um tabu;
4. Jesus conversa e instrui prostitutas, dizendo que, quando arrependidas de seus erros, elas terão um lugar no céu, como Maria Madalena;
5. Jesus salva a vida de uma adúltera, evitando que fosse apedrejada até morrer;
6. Jesus tem amigas, como Marta e Maria;
7. Jesus faz seu primeiro milagre – a transformação da água em vinho – para atender ao pedido de uma mulher: Maria, sua mãe;
8. Jesus antes de morrer na cruz, preocupa-se com o futuro de sua mãe, entregando-a aos cuidados de João;
9. Sente pena das viúvas, como a de Naim, cujo filho único morreria, e a idosa viúva do templo, que ofertou suas duas moedas;
10. Ao ressuscitar, aparece em primeiro lugar a uma mulher; Maria Madalena. Estas mulheres na Bíblia nos dão exemplos de coragem, de piedade, de justiça, de devoção a Deus e principalmente de amor.<sup>50</sup>

As mulheres que aparecem na Bíblia assumem atitudes corajosas na defesa dos valores do povo, revelam um grande amor por Jesus Cristo. Um amor que se expressa nos gestos, como naqueles registrados sobre Marta, ao se preocupar com o bem-estar de Jesus e de Maria que se coloca aos seus pés para ouvi-lo e levou sua mensagem a todos os cristãos.

<sup>49</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1992, p. 167.

<sup>50</sup> BRAZÃO, 1998, p. 8-9.

### 3.1 Mulheres promovidas por Jesus

A lei preconceituosa que desvaloriza e exclui a mulher é invertida por Jesus de Nazaré, quando de sua chegada na Judeia. A mulher, que era definida pelo aspecto biológico, como mãe procriadora, do ponto de vista sociológico dependente, e sob o prisma psicológico, incapaz de se dedicar a temas sérios, não tinha vez nem voz, e sua presença em qualquer ambiente social ou religioso era considerada indigna. Jesus surge neste contexto como alguém que, com sua prática libertadora, ousa reverter essa situação. Jesus de Nazaré, um homem diferente, surge num contexto social opressor e de exclusão da mulher. Jesus desafia o tempo e a situação sociopolítica, acolhe a mulher, a resgata de seu estado de exclusão e sofrimento e a introduz numa vida digna de ser vivida.

Analisando o fato da cura da mulher hemorrágica, surge a indagação: Por que Jesus quis que a multidão soubesse do acontecido? Com a divulgação da ação desta mulher atrevida que tinha fluxo de sangue, Jesus quis dizer que ele não ficou impuro por ser tocado por ela e esta ação faria com que as outras mulheres tivessem coragem para mudar os padrões que as marginalizavam. Além disso, Jesus queria mostrar que ele era mais do que alguém que curava, queria que o povo, especialmente os marginalizados e, principalmente, as mulheres, construíssem uma nova maneira de viver e de se relacionar entre si.

Nesta passagem, há insistência de Jesus em descobrir a pessoa que o havia tocado. Jesus sentiu uma força que saía dele, ao mesmo tempo em que a mulher sentiu que havia sido curada. Jesus sabia que uma pessoa o havia tocado em meio à multidão e decide identificá-la. Interrompe sua caminhada em direção à casa de Jairo, e pergunta à multidão: “quem me tocou nas vestes? (Mc 5.30). Para os discípulos, que sempre aparecem como pessoas que têm dificuldade para entender Jesus, esta pergunta era sem fundamento. Responderam, então: “vês que a multidão te aperta e dizes: Quem te tocou”? (Mc 5.31). Jesus não respondeu nada para eles, apenas continuou procurando a pessoa que o havia tocado e obteve dele a cura sem seu consentimento.

A mulher não teve alternativa, saiu do anonimato, com medo e tremendo se apresentou. Porém, Jesus não a repreendeu, não se importava que “roubasse” sua força. O que lhe interessava era mostrar um caminho de vida nova. Ele desejava que

essa mulher marginalizada durante tantos anos por sua doença fosse um exemplo para muitas mulheres. Por isso, chamou-a de “filha”. Uma palavra de muito afeto pertencente ao âmbito da família.<sup>51</sup> Diversas mulheres se beneficiaram dos milagres de Jesus e cada cura representava uma reintegração da pessoa na vida social.

A atitude de Jesus em relação às mulheres pecadoras é muito conhecida. O relato sobre a mulher adúltera (Jo 8.1-11) é de inegável caráter lucano em sua atual redação; o que nos parece é que Jesus nunca excluiu as mulheres de sua doutrina. Por exemplo, o relato de Marta e Maria (Lc 10.38-42), atrás do qual não se encontra nenhuma fonte escrita, parece exprimir uma atitude vivida por Jesus.

### 3.2 Mulheres que não abandonaram Jesus

Na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, as mulheres aparecem em lugar de destaque, como verdadeiras discípulas. Os quatro evangelistas relatam que Jesus chega ao Calvário sob escárnios dos soldados e de todo o povo. Os discípulos, como grupo, não aparecem em momento algum, nem no caminho rumo ao Calvário, nem durante a crucifixão. E salienta explicitamente o abandono do grupo a Jesus (Mt 26.56) assim como a negação de Pedro nas horas precedentes, durante o julgamento (Mc 14.66-72 e paralelos). E no local da crucifixão, são nomeadas apenas as mulheres: “Estavam ali muitas mulheres, olhando de longe. Haviam acompanhado Jesus desde a Galiléia, a servi-lo. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu” (Mt 27.55-56; cf. Mc 15.40-41; Lc 23.49; Jo 19.25). “As mulheres estavam olhando de longe”. O fato de que os quatro evangelistas façam menção desse detalhe mostra claramente a importância que a comunidade cristã deu a esse gesto de estar acompanhando Jesus em sua hora mais dolorosa.

Esta menção das mulheres [...] não será talvez, para lembrar, de uma maneira bastante discreta, que todos os discípulos preferidos de Jesus haviam fugido, conforme o anunciara Jesus (Mt 26.31)? Para assistir a cena da crucifixão e sofrer com Jesus, havia somente mulheres!<sup>52</sup>

João acrescenta à presença destas mulheres, a de Maria, a mãe de Jesus, e a do discípulo amado. Apesar de sempre querer identificar este discípulo com João,

<sup>51</sup> TAMEZ, 2004, p. 59-60.

<sup>52</sup> MALILLOS *apud* LADISLOA, 1995, p. 15.

o evangelista, o certo é que o mesmo não aparece com um nome próprio. Porém, as mulheres foram identificadas. É possível que a comunidade cristã, sabendo que o grupo dos doze não foi capaz de permanecer junto de Jesus naquela hora, neste episódio queira nos dar uma lição sobre o que significa ser discípulo de Jesus: segui-lo e amá-lo também neste momento. Mesmo que um discípulo o tenha feito, o que os primeiros cristãos lembram é que o grupo, a comunidade, não foi capaz de fazê-lo. Na hora da prova, somente as mulheres permaneceram unidas, entre si e com o Mestre. Completando este mesmo momento, surge José de Arimateia e as mulheres que se declaram seguidores de Jesus, num momento em que, com certeza, não era o mais oportuno, pois seria esta mesma situação que havia deixado em pânico o próprio Pedro (Mc 14.66-67).

Conforme o testemunho dos quatro evangelhos são também as mulheres, as primeiras a se dirigirem ao sepulcro na manhã de domingo e a se inteirarem da Boa Nova. A elas aparece Jesus Cristo Ressuscitado, antes do que a qualquer outra pessoa. Certamente foi um privilégio que Jesus quis reservar àquelas que foram capazes de beber o cálice juntamente com ele. Elas se tornam as primeiras evangelizadoras, que saem a toda pressa, com medo e grande alegria (Mt 28.8) para levar esta notícia.

Elas são as primeiras testemunhas, e Jesus Cristo rompe novamente com as regras da época, em que testemunho de uma mulher não era válido. “Fazer das mulheres as primeiras testemunhas da ressurreição era o mesmo que transformá-las na fonte original da credibilidade da fé cristã”.<sup>53</sup> Jesus queria que suas amigas fossem as primeiras a vê-lo depois da ressurreição e que anunciassem a Boa Nova a todos. Elas completam assim as múltiplas exigências para serem discípulas fiéis: seguem-no, servem-no, acompanham-no na dor, creem nele ressuscitado e transmitem aos outros o que presenciaram. No evangelho de João, há uma síntese das exigências para o discipulado: “As ovelhas ouvem a sua voz e ele chama cada uma de suas ovelhas pelo próprio nome e as conduz para fora. Tendo feito sair todas as que são suas, caminha à frente delas e estas o seguem, porque conhecem a sua voz” (Jo 10.3-4)

Maria Madalena é esta que conhece a voz de seu Pastor. Diz-lhe Jesus: “Maria”! Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: “Rabboni!”, que quer dizer: “Mestre!”

---

<sup>53</sup> RUETHER *apud* LADISLOA, 1995, p. 76.

(Jo 20.16). Por isso, Jesus a incumbe de tornar todos os seus irmãos participantes da Boa Nova da ressurreição.<sup>54</sup> No caso de Maria e Marta, elas acreditaram no Senhor, entenderam sua mensagem e permaneceram com Ele até as últimas consequências.

---

<sup>54</sup> LADISLOA, 1995, p. 74-77.

## 4 MULHERES NO NOVO TESTAMENTO

Para entender a importância das mulheres como discípulas e seguidoras de Jesus, vale destacar a presença, diaconia e o protagonismo que tiveram no anúncio da Boa Nova. Além de Marta, Maria e Maria Madalena, muitas outras mulheres desempenharam importante papel na expansão do cristianismo. Os quatro evangelhos narram o papel das mulheres em relação a Jesus, durante seu ministério. Elas estão presentes na genealogia narrada por Mateus e na infância de Jesus, narrada no evangelho de Lucas, mas aparecem em todos os evangelhos e têm um destaque especial no momento de sua morte e ressurreição.

O evangelho de Marcos relata que todas as mulheres creram em Jesus, com exceção de Herodíades e sua filha. As mulheres se aproximavam de Jesus para servi-lo ou para serem curadas. São mostradas como modelos de piedade (Mc 12.41ss) ou como aquelas que falavam a verdade quando um discípulo se acovardava (Mc 14.66s). O evangelho de Marcos foi escrito por volta de vinte anos antes do evangelho de Lucas. Nessas duas décadas, o número de cristãos cresceu muito, isto causou preocupação às autoridades romanas. Para os romanos, a participação das mulheres e dos escravos nas comunidades cristãs parecia ser subversiva, pois isso ameaçava o poder do imperador. Lucas é um dos vários autores do Novo Testamento que procurou harmonizar o Evangelho com os costumes dos romanos. Em muitas narrativas, apresenta as mulheres como subordinadas aos homens, exceto no evangelho da infância. Porém, ele escreve que o testemunho das mulheres é a novidade indispensável para o anúncio do Evangelho.

O evangelho de João narra muitas histórias, teologicamente relevantes, de mulheres que participaram no ministério de Jesus: o casamento em Caná, o diálogo com a mulher samaritana, os diálogos de Jesus com Marta, com Maria e com Maria Madalena. Neste evangelho, o ponto central é o ato de fé proclamado por Marta, por ocasião da morte de Lázaro: “sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo” (Jo 11.27).<sup>55</sup> Em toda a leitura e interpretação dos evangelhos, deve-se levar em conta o contexto histórico literário e a tradição. O

---

<sup>55</sup> ARNS, Paulo Evaristo; GORGULHO, Gilberto; ANDERSON, Ana Flora. *Mulheres da Bíblia*. São Leopoldo: Paulinas, 2004. p. 119-120.

evangelista Marcos fala das mulheres que, com muita coragem, acompanhavam Jesus em seus momentos mais difíceis (Mc (15.40-16,8)). É a situação de uma comunidade gentílico-cristã fora da Palestina, pouco depois dos anos 70 após Cristo. É necessário diferenciar entre essa situação e a do tempo da morte de Jesus em Jerusalém, apresentada em Mc 15.40-16.8.<sup>56</sup>

O fato de Maria Madalena ser mencionada com uma referência à sua cidade de origem, Magdala, no lago de Genesaré na Galileia (Mc 15.40), permite algumas conclusões sobre a mulher histórica da qual mais tarde circularam numerosas tradições. A Maria Madalena histórica procede de Magdala, mas se presume que ela tenha deixado sua pátria para seguir Jesus. Na época em que passou a ser chamada 'Madalena', certamente já não se encontrava mais em sua terra e não teria parentes homens nem marido, quando começa a seguir Jesus, porque do contrário teriam preferido vincular seu nome ao de um parente masculino. Seguindo Jesus, ela percorreu o caminho da Galileia para Jerusalém ao lado de muitas outras mulheres da Galileia (Mc 15.40s). Assim como os discípulos homens, também as mulheres eram consideradas discípulas, apóstolas de Jesus, como se pode ver pelo fato de este caminho ser qualificado como seguimento e "diaconia". Nas listas de mulheres que encontramos nos evangelhos em conexão com o sepultamento e com a manhã da Páscoa (Mc 15.40-41,47; 16.1 e respectivas passagens paralelas), Maria Madalena sempre vem mencionada em primeiro lugar nas citações, segundo os critérios em Atos dos Apóstolos (1.21-25). Esta autoridade é a de uma "testemunha da ressurreição" e apóstola.

Segundo Elisabeth Gossman, "a apóstola Maria Madalena em companhia das outras mulheres, ao olhar de longe Jesus crucificado, correm o risco de serem presas, torturadas e crucificadas".<sup>57</sup> Maria Madalena assistiu ao sepultamento e visitou o sepulcro na manhã da Páscoa para homenagear Jesus, unguindo seu cadáver com óleo aromático. Junto ao túmulo de Jesus, Maria Madalena e outras mulheres receberam de Jesus o encargo de anunciar aos discípulos amedrontados que Ele havia ressuscitado (Mc 16.7 e paralelos). Assim, Maria é, não apenas apóstola, mas também representante daquelas mulheres que, desde o início,

---

<sup>56</sup> SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2008. p. 40.

<sup>57</sup> GOSSMANN, Elisabeth; MOLTMANN-WENDEL, Elisabeth; SCHOTTROFF, Luise. *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 284.

anunciam a ressurreição. Assim, percebe-se que o nome da Maria Madalena histórica está ligado ao nascimento da Igreja cristã. Os quatro evangelhos mostram claramente esta imagem, mas a ela se opõe à afirmação de Paulo (1Co 15.5s) sobre as testemunhas da ressurreição. A exegese tradicional preferiu seguir Paulo, opondo-se ao primeiro anúncio da ressurreição por Maria Madalena e pelas outras mulheres. Na interpretação bíblica feminista, questiona-se qual seria o motivo por que Paulo teria silenciado o testemunho das mulheres: por ginofobia, ou por androcentricamente considerá-las incluídas entre os quinhentos irmãos (1Co 15.6).<sup>58</sup>

A partir do século IV, podem-se comprovar tentativas de Cassiano e Ambrósio, padres da Igreja latina, para fazer da “apóstola de todos os apóstolos”, como muitas vezes foi chamada até a Alta Idade Média, um ser sexual de espécie particular: a grande pecadora (Lc 17.36s), que unge Jesus foi posta em conexão com a Maria Madalena, curada de maus espíritos (Lc 8.2), e também identificada com a Maria de Betânia, que unge Jesus (Jo 12). Surge assim uma imagem discriminatória de Maria de Betânia que prejudicou àquela que se encontrava mais perto de Jesus. As tradições bíblicas sobre Maria Madalena sempre se conservaram na subcultura. Nas lendas madalênicas francesas relativas à santa missionária da França, a pecadora cedeu lugar à amiga de Jesus e à apóstola pregadora. Na arte, manteve-se a imagem da mulher que pregou e anunciou a ressurreição, que batizava e que chegou mesmo a nomear um bispo, Lázaro.<sup>59</sup> No movimento feminino dos cátaros, o ideal da firmeza e da emancipação não era a Virgem Maria, mas sim Madalena.

No debate sobre a ordenação de mulheres, Maria Madalena não foi levada em conta, pois a discussão teve como ponto de partida a teologia paulina, que não inclui nenhuma mulher como testemunhas da ressurreição, como exposto anteriormente. Esta postura de negação do feminino e, conseqüentemente, desqualificação da mulher caracteriza o desenvolvimento da Igreja patriarcal. “A Igreja só poderá ser uma comunidade de mulheres independentes e de homens maduros se Maria Madalena for redescoberta em sua importância neotestamentária”.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> GOSSMANN; WENDEL; SCHOTTROFF, 1997, p. 283-285.

<sup>59</sup> Museu de Lubeck; altar tabular de 1519, fundação dos alfaiates, ala exterior.

<sup>60</sup> GOSSMANN; WENDEL; SCHOTTROFF, 1997, p. 287.

A exegese feminista encontra alguns pontos polêmicos no Novo Testamento. Na interpretação de textos sobre a diaconia de mulheres que exercem liderança nas comunidades cristãs primitivas, temos como exemplos: a epístola aos Romanos, que fala de “Andrônico e Júnias [...] que são notáveis entre os apóstolos” (Rm 16.7). Estudos da história de interpretação desse texto desde os tempos da igreja antiga demonstraram que: na igreja antiga, o nome de Júnias era entendido como nome feminino e a própria Junia, como apóstola. “A tese de que aquela pessoa seria um apóstolo (masculino) de nome Júnias aparece primeiramente em Egídio de Roma (1245-1316 d.C.)”.<sup>61</sup> Neste texto, é clara a intenção que está por trás. A existência de uma apóstola, Júnias, no tempo do cristianismo primitivo, questionaria seriamente a legitimação bíblica da hierarquia dos sexos, dos gêneros e de uma teologia dominante, estabelecidas nas grandes igrejas cristãs.<sup>62</sup>

#### 4.1 O evangelho de Mateus e as mulheres

No Evangelho de Mateus, há alusão a várias mulheres, inclusive no que se refere aos ancestrais de Jesus. Na antiguidade, a genealogia da família era como uma identidade, a árvore genealógica afirmava e anunciava a verdadeira identidade de uma pessoa. As genealogias que conhecemos no mundo semita são patriarcais. Por isso, as mães não eram mencionadas. Exceção no primeiro capítulo de Mateus que, na apresentação da linhagem de Jesus, cita cinco mulheres: sua mãe Maria, e quatro matriarcas da história do povo de Israel. Mateus começa falando da origem de Jesus e sugere que o nascimento do Messias é uma nova criação, em que aparecem o homem e a mulher. Os grandes patriarcas Abraão e Davi são os pais da Aliança com Deus, mas sem as mulheres a Aliança não se realizaria. A história dessas mães garante a futura realização da nova Aliança, através de Jesus Cristo, o centro da história da salvação.

Tamar é a primeira mulher mencionada. O nome dela em hebraico significa *palmeira*. Ela é a mãe de grande parte da tribo de Judá e matriarca da casa de Davi. Casada com Her, filho de Judá este morre sem deixar filho. O irmão de Her, Onan, não obedece à lei do “triunvirato” onde diz que ele deveria dar um filho a Tamar. Assim Tamar enganou seu sogro para realizar a lei e dá à luz a gêmeos. Realiza assim a “justiça de Deus”.<sup>63</sup>

<sup>61</sup> GOSSMANN; WENDEL; SCHOTTROFF, 1997, p. 202.

<sup>62</sup> SCHOTTROFF; SCHROER; WACHER, 2008, p. 160,194,203.

<sup>63</sup> ARNS; GORGULHO; ANDERSON, 2004, p. 121.

A segunda mulher que aparece na genealogia de Jesus é Raab, a prostituta de Jericó. Ela salvou os espiões que Josué enviara antes de invadir a cidade. Mateus diz que Raab se casou com Salmon e se tornou sogra de Rute. Os mestres do judaísmo consideravam Raab e Tamar exemplos de justiça divina. Tudo o que fizeram para o povo foi em cumprimento da justiça de Deus. Mateus salienta muito a questão da justiça e são as mulheres o veículo da justiça divina. Elas preparam o caminho para José, que recebe Maria em sua casa e adota o filho, Jesus. Ele era um homem justo que não obedeceu à lei da época, mas à justiça divina.

Mateus apresenta a origem de Jesus como a história de libertação de uma nova criação; uma nova humanidade e, nessa nova humanidade, estão homens e mulheres, recriados pela graça à imagem do Deus da vida e do amor. Jesus é apresentado como Cristo, isto é, o messias que deve salvar e libertar o seu povo. Ele é a fonte da nova justiça divina que transformará a vida tanto dos judeus quanto dos gentios. A história das mulheres mencionadas na genealogia de Jesus termina com a rainha-mãe Betsabeia, mulher de Urias, que morre na frente de batalha. E Davi a toma por esposa, mesmo antes da morte de seu marido, ameaçando assim a estrutura patriarcal. Porém, Davi faz penitência de seu pecado e dessa união nasce Salomão.

É interessante perceber que cada uma das quatro mulheres se encontra numa situação não aprovada na época. Por isso, pode-se dizer: Deus escreve certo por linhas tortas. No segundo capítulo, Mateus apresenta Maria, a mãe de Jesus, que está sempre presente nos momentos decisivos de sua vida: na visita dos magos, na fuga para o Egito, na volta para Nazaré, cidade onde viveu e foi chamado o nazareu, ou o Consagrado de Deus.

Mateus, capítulo 5, mostra a dignidade da mulher em muitas passagens; quando relata sobre o casamento e o divórcio, repudiando a lei injusta e discriminatória, que dava direito apenas para o homem em detrimento da mulher. Explica até mesmo buscando fundamentação no projeto de Deus. Aparece mais uma vez aí a dignidade feminina e o amor total e indissolúvel que se realizam na graça, e no aperfeiçoamento do matrimônio, “quem despedir sua mulher dê-lhe um atestado de divórcio”. “Eu, porém, vos digo: Todo aquele que despedir sua mulher – fora o caso de união ilícita – faz com que ela se torne adúltera; e quem se casa com a mulher que foi despedida comete adultério” (Mt 5.31-32). Na supremacia da lei

sobre o adultério, Jesus declara: “ouvistes o que foi dito: ‘não cometerás adultério’. Eu, porém, vos digo: ‘todo aquele que olhar para uma mulher com o desejo de possuí-la, já cometeu adultério com ela em seu coração’” (Mt 5.27-28). A dignidade feminina e o amor total e indissolúvel se realizam na graça do matrimônio. Contrariando os fariseus, Jesus dizia que o casamento não é um simples contrato jurídico. É uma graça de Deus, inserida desde a criação, no mais íntimo da natureza da mulher e do homem.

Depois das bem-aventuranças, Jesus foi ao encontro de grandes multidões que o seguiam. No meio dessa gente, havia muitos doentes e considerados impuros pelas autoridades religiosas: o leproso, o estrangeiro, o endemoninhado e a mulher com febre. Logo depois, Jesus entra na casa de Pedro e vê sua sogra acamada com febre, tocou-lhe a mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo (Mt 8.15). Mateus conta também a história de uma mulher com fluxo de sangue:

Nisto, uma mulher que há doze anos sofria de hemorragias veio por trás dele e tocou na franja de seu manto. Ela pensava consigo: “Se eu conseguir ao menos tocar no seu manto, ficarei curada”, Jesus voltou-se e, ao vê-la, disse: “Coragem, filha! A tua fé te salvou” (Mt 9.20-22).

A mulher tinha uma fé tão grande que tomou a iniciativa de um contato direto com o poder salvífico de Jesus, ficando assim em contraste com muitas outras pessoas que não conseguiam crer, mesmo depois de terem visto grandes milagres de Jesus. Mateus mostra o papel e a vocação da mulher na vida do Povo de Deus, a verdadeira família de Jesus:

Enquanto Jesus falava às multidões, sua mãe e seus irmãos ficaram do lado de fora, procurando falar com ele... Porém ele respondeu àqueles que lhe falaram: “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?” E estendendo a mão para os discípulos, acrescentou: “eis minha mãe e meus irmãos. Pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe (Mt 12.46-50).

Em todo o evangelho, Mateus mostra o grande número de mulheres que acompanharam Jesus desde a Galileia, prestando-lhe serviço. Todavia este evangelista nos surpreende, pois é em seu evangelho que encontramos a importância dos doze, e especialmente de Pedro, a rocha da Igreja primitiva. Entretanto, no momento tão importante da morte de Jesus na cruz, não há menção dos discípulos mais conhecidos. O primeiro testemunho de fé vem dos pagãos

romanos. O centurião romano, com os que guardavam a Jesus, assustado exclamou: “este era verdadeiramente Filho de Deus!” (Mt 27.54).

Muitas mulheres que seguiam Jesus desde a Galileia até Jerusalém ficaram firmes diante da cruz e acompanharam o Senhor até o túmulo. Mais uma vez, a graça de Deus move os marginalizados, estrangeiros e as mulheres, no sentido de serem as testemunhas principais das obras maravilhosas do Pai.

## 4.2 O evangelho de Marcos e as mulheres

Marcos já no início de seu evangelho relata a cura da sogra de Pedro como um modelo típico do discípulo. Após ser curada, ela levanta e começa a servir a comunidade convocada por Jesus. Marcos fala de várias curas de mulheres e crianças. Tal como Mateus, fala da presença fiel e corajosa das mulheres na morte e ressurreição de Jesus (Mc 15.40; 16.1). As mulheres, consideradas fracas e ingênuas pela sociedade patriarcal, apresentaram-se fortes, fiéis e corajosas. Marcos proclama claramente:

Bem cedo, no primeiro dia da semana, ao raiar do sol, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé) foram ao túmulo. [...] Entraram, então, no túmulo e viram um jovem sentado do lado direito, vestido de branco. [...] o jovem lhes disse: “não vos assusteis! Procurais Jesus, o nazareno [...] Ele ressuscitou. Não está aqui! [...] ide, dizei a seus discípulos e a Pedro: ‘Ele vai à vossa frente para a Galiléia. Lá o vereis, como Ele vos disse!’” (Mc 16.2,7).

Diante deste anúncio, a comunidade de Marcos, em Roma, acrescenta: “Elas, em tremor e fora de si, saíram [...] e não disseram nada a ninguém, pois estavam com muito medo” (Mc 16.8).<sup>64</sup> Marcos, em seus escritos, utiliza uma linguagem patriarcal, usando o termo “homens” para designar homens e mulheres. Porém, no capítulo 15, versículo 41, cita que as mulheres já seguiam Jesus deste a Galileia. E estas mulheres estavam junto à sepultura de Jesus.

Para Marcos, as mulheres que se encontram ao pé da cruz de Jesus moribundo estavam junto com os discípulos que fugiram no momento em que Jesus foi preso. Isso também se pode deduzir de sua linguagem. Ele diz expressamente que todos fugiram, e ainda coloca a narração do jovem que, por causa do medo de

<sup>64</sup> MOSCONI, Luís. *Evangelho segundo Lucas: pistas para uma leitura contemplativa, espiritual e militante*. São Leopoldo: CEBI, 1991. p. 30.

ser preso, foge nu (Mc 14.50-52). Assim os discípulos fogem e se escondem em Jerusalém. Só as mulheres reaparecem na redação de Marcos.<sup>65</sup>

### 4.3 O evangelho de Lucas e as mulheres

Em Lucas, Jesus dispensa grande atenção às mulheres, o que pode revelar a marginalização da mulher e, ao mesmo tempo, evidenciar a presença significativa delas nas comunidades cristãs primitivas. O mundo da época, e principalmente a região onde foi escrito o Evangelho segundo Lucas, era fortemente dominado pela cultura grega, na maneira de ver, pensar e organizar a sociedade. Ela justificava a divisão da sociedade em intelectuais e trabalhadores manuais. Os intelectuais tinham o direito de serem ricos e livres, enquanto que os trabalhadores manuais eram obrigados a viverem pobres e escravos. Somente os estudados podiam ter acesso ao poder e mandar. Os escravos e pobres só deviam obedecer. As mulheres, principalmente as das classes pobres, viviam totalmente submissas, não tinham nenhuma participação ativa na vida da sociedade nem nas decisões familiares ou políticas.<sup>66</sup>

Lucas inicia seu evangelho falando de Isabel e Zacarias, que faziam parte do grupo religioso conhecido como os “pobres de Javé”, ou os “anawim” (Lc 1.5ss). Relata o anúncio do Anjo à Maria, o encontro de Maria (Lc 1.26-38), o encontro de Maria com Isabel (Lc 1.39-45) e toda a beleza do *Magnificat* (Lc 1.46-55). Fala da profetisa Ana, uma corajosa mulher que falava do menino a todos os que esperam a libertação (Lc 2.36-38). Lucas apresenta a mulher pecadora que unge os pés de Jesus e os banha com lágrimas. Jesus se vale da ação desta mulher pecadora para revelar o preconceito dos fariseus: “se este homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que está tocando nele: é uma pecadora!” (Lc 7.39b). Jesus chama a atenção para o gesto de amor e de bondade que nasce no coração das pessoas marginalizadas e excluídas. Isto é um sinal de que a graça de Deus e a compaixão de Jesus não excluem as pessoas. Mais uma vez, a mulher é mostrada como testemunha no anúncio do Evangelho.

---

<sup>65</sup> SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 41-43.

<sup>66</sup> MOSCONI, 1991, p. 30-32.

No oitavo capítulo, Lucas narra as viagens de Jesus acompanhado pelos doze e nomeia também algumas mulheres, em sua maioria solteiras ou viúvas. Faz uma exceção sobre Joana, mulher de um alto funcionário da corte de Herodes, na Galileia. Referindo-se à posição do marido de Joana, mostra que é uma senhora rica, de classe alta. Ela foi curada por Jesus e percebeu que o Mestre era mais do que um homem que fazia milagre. A sua fé a levou a participar no seu ministério e a segui-lo até a cruz, sendo também testemunha da ressurreição. Ainda em Lucas, é narrada a história de Marta e Maria, irmãs de Lázaro (Lc 10.38-43), pessoas que amam, convivem, escutam e servem a Jesus. O evangelho de Lucas faz também várias comparações do Reino de Deus que é como uma mulher que põe o fermento na massa (Lc 13.21); ou como uma mulher que tem 10 moedas e, ao perder uma, acende a lâmpada e procura até encontrá-la (Lc 15.8-9).

Lucas destaca também o episódio da pobre viúva que deu duas moedinhas no Templo como a que depositou mais do que todos, porque era tudo que tinha para viver (Lc 21.1-4). Mais uma vez, aparece uma mulher como modelo básico para entrar no Reino de Deus. Isto é relevante porque na sociedade patriarcal nada indicava o valor e dignidade da mulher. Ela era uma mulher pobre e, ao mesmo tempo, viúva! Torna-se modelo para quem quiser entrar no Reino de Deus, pois ele pertence aos pobres, aos aflitos e aos famintos. O Evangelho de Lucas destaca a presença das mulheres do início até o fim, revelando que elas são testemunhas e seguidoras fiéis no sofrimento, na sepultura e na ressurreição de Jesus.

#### **4.4 O evangelho de João e as mulheres**

No segundo capítulo de seu evangelho, João descreve as bodas de Caná, episódio em que a mãe de Jesus estava presente. Diante a situação de falta de vinho na festa do casamento, ela toma a iniciativa de se dirigir ao Filho para solucionar o problema (Jo 2.1-11).

No quarto capítulo, o evangelista apresenta a mulher samaritana, representando todo o povo da Samaria que se converteu a Jesus e se tornou importante nas Igrejas joaninas.

O oitavo capítulo relata algumas controvérsias entre as autoridades religiosas e Jesus. Os fariseus queriam colocá-lo à prova sobre a questão do

adultério, apresentando o dilema: pela Lei de Moisés, a mulher adúltera deveria ser apedrejada, e, pela lei romana, os judeus não poderiam aplicar a pena máxima. Trouxeram uma mulher apanhada em adultério para que Jesus resolvesse a questão. Jesus, muito tranqüilo, diz: “quem de vós não tem pecado, atire a primeira pedra!”.

Em Jo 11, encontramos a família de Betânia: Marta, Maria e Lázaro; Lázaro se encontrava doente. Os três são apresentados como aqueles a quem Jesus amava (Jo 11.3-5). Esse evangelho mostra que o discípulo por excelência é aquele que Jesus ama. Marta, Maria e Lázaro são amados, e são verdadeiros amigos de Jesus. Este evangelista confere um papel importante às mulheres. Quando Marta soube que Jesus estava chegando, foi ao seu encontro e lhe disse: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido”, ao que Jesus respondeu: “teu irmão ressuscitará. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido viverá”. A resposta de Marta foi uma linda confissão de fé: “sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo Filho de Deus, aquele que deve vir ao mundo”. O ato de fé que Marta profere é central nesse evangelho, pois Jesus diz estas palavras: “Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 11.40-53). A narrativa contrasta a fé e a coragem das mulheres com o medo, a inveja e a animosidade dos homens, autoridades religiosas da época. Marta e Maria foram as testemunhas-chaves dos sinais de Jesus durante o seu ministério. A confissão de fé por parte delas prenuncia a ressurreição de Jesus.

João apresenta ainda a mulher que interpela Pedro no momento da prisão de Jesus. A voz de uma simples mulher, serva do sumo sacerdote, foi suficiente para atemorizar Pedro e levá-lo a negar o seu Mestre: “eu não sou discípulo deste homem que está sendo preso para ser condenado!”(Jo 18.17).

São lembradas também as três mulheres que permaneceram ao pé da cruz: “junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas e Maria Madalena” (Jo 19.25). Ele difere dos evangelhos sinóticos quando coloca a mãe de Jesus como a primeira da lista e Maria Madalena como última. Maria assume nesse momento o papel de mãe do Salvador, assim como o de testemunha, de profetisa e de mensageira da Palavra de Deus. É ela quem motiva o

Filho a dar o passo decisivo de entrada na vida pública, iniciando assim seu sinais em Caná da Galileia.<sup>67</sup>

#### **4.5 A aliança do diferente: homens e mulheres construindo o mesmo projeto**

Em toda a história da humanidade, desde a criação, passando pela formação do povo de Deus, a experiência de Jesus e a caminhada das primeiras comunidades, a relação homem e mulher sempre foi marcante e decisiva, mesmo que não transpareça explicitamente nos escritos bíblicos. Jesus, ao se relacionar com as mulheres, principalmente Marta e Maria, mostra a profundidade, o respeito e a beleza da amizade que deve haver entre homens e mulheres. Na narrativa da criação, Deus propõe uma aliança entre o homem e a mulher: “Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e mulher” (Gn 1.27).

A intenção da dualidade está presente no ato divino e se realiza no desdobramento da criação. Não se trata de dois momentos diversos da criação, mas da afirmação de que o ser humano criado por Deus não existe enquanto tal, senão como diferentes, homem e mulher. Nenhum homem ou nenhuma mulher pode ser em si mesmo a pessoa total, ela tem diante de si uma feição inacessível do altíssimo. A afirmação da diferença significa que homem e mulher não são senão duas pessoas distintas que se devem fundir para encontrar uma unidade perdida.

A exclamação de admiração do homem perante a mulher - “osso de meus ossos e carne de minha carne” (Gn 2.23) - conduz à relação homem-mulher. Essa comunhão, expressa pelas palavras osso e carne, não implica em nada na relação sexual. Porém, exprime sempre uma comunhão entre pessoas próximas numa relação de reciprocidade. O ser humano não é apenas um indivíduo, mas também alguém de relação e diferença. É necessário compreender a diferença, em um projeto de unidade e diálogo entre o homem e a mulher. Não é fusão, e sim aliança conforme propõe o matrimônio:

O homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir á sua mulher; e já não são mais que uma só carne (Gn 2.24).  
O homem e a mulher, que, pela aliança conjugal “já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19.6) prestam-se recíproca ajuda e serviço com a íntima união

---

<sup>67</sup> ARNS; GORGULHO; ANDERSON, 2004, p. 120 -176.

das suas pessoas e atividades, tomam consciência da própria unidade e cada vez mais a realizam.<sup>68</sup>

O matrimônio é também o lugar de realização de pessoas diferentes, livres, capazes de diálogo, acolhimento, respeito e ajuda mútua, em que um não deve exercer autoridade sobre o outro, mas se reconhecerem como parceiros de um mesmo projeto.

#### 4.6 Mulheres na igreja

Jesus entra na história da humanidade e nela permanece para sua libertação. Sua primeira manifestação pública foi em um banquete nupcial, em Caná da Galileia. Somos todos convidados para a Ceia do Cordeiro (Ap 19.9). É neste sentido que o povo de Deus é chamado a formar a Igreja, “esposa do Cordeiro” (Ap 21.9), que Cristo apresentará ao pai. Ela resplandecerá tanto quanto uma pedra das mais preciosas. Todos os seres humanos – homens e mulheres – são chamados a construir essa Igreja de Cristo. Se for como esposa, é o feminino que se torna o símbolo de toda a Igreja. Daí a importância primordial da missão da mulher na igreja.

Em Orígenes, a imagem da *Ecclesia mater* tem uma profundidade ainda jamais alcançada. Todas as expressões da vida da Igreja são resumidas na imagem da mãe que gera sem cessar: pregação da Palavra, administração do batismo, orações, obras diversas: tudo é atividade da Igreja para fazer nascer, desenvolver, levar à realização no coração dos crentes esse dom de Deus que é a vida eterna.<sup>69</sup>

O “feminino” é um atributo ao mesmo tempo da Igreja e de cada um de seus membros. Com certeza, nesse quadro da Escritura, a palavra “feminilidade” não se reduz ao que se entende por “qualidades femininas”. Von Balthasar afirma que “essa feminilidade da Igreja é a globalidade, ao passo que o ministério assegurado pelos apóstolos e seus sucessores masculinos é uma simples função no seio dessa globalidade”.<sup>70</sup> Percebe-se que as mulheres tomaram consciência de sua missão de fazer nascer e desenvolver a “feminilidade”, contribuindo para gerar uma Igreja viva, acolhedora e praticante de seus ensinamentos.<sup>71</sup>

<sup>68</sup> VATICANO II. *Constituição pastoral sobre a igreja no mundo de hoje*: Gaudium et spes. Petrópolis: Vozes, 1983. n. 48,1.

<sup>69</sup> DELAHAYE *apud* SALLÉ, Luciene. *Mulheres de fé e mulheres da igreja*. São Paulo: Ave-Maria, 2006. p. 39.

<sup>70</sup> RATZINGER; BALTHASAR *apud* SALLÉ, 2006, p. 39.

<sup>71</sup> SALLÉ, 2006, p. 16-40.

No contexto atual, percebe-se que as mulheres estão acordando, unindo-se e exigindo seu lugar na Igreja. Concretamente, a Igreja do Brasil dedicou seu momento mais forte de concentração de esforços na pastoral ao longo do ano de 1990 na Campanha da Fraternidade sobre a mulher. O objetivo principal da Campanha foi a recuperação da dignidade da mulher, suscitando um novo relacionamento entre mulheres e homens, pois muitas vezes os homens pensam que, quando o assunto é mulher, eles têm que ficar de fora, como se isto não lhes interessasse diretamente, o que é um grande engano! O compromisso de eliminar a discriminação da qual a mulher tem sido vítima é de ambas as partes, é evangélico, é cristão.

A Igreja começa a dar passos para o processo de igualdade da mulher em relação ao homem dentro do povo de Deus. Porém, com muitas restrições. Percebe-se muito claro a liderança das mulheres nas Comunidades de Base, no meio do povo. Ali elas são a grande maioria, exercem sua diaconia e levam à frente a maioria dos serviços comunitários de organizar, coordenar, animar, etc. Vão assim apresentando um novo estilo de vida feito de comunhão, participação e alegria. O trabalho da mulher na Igreja é indispensável; se tirarmos as mulheres da Igreja, pouco restará. Porém, ela está longe de ter direitos iguais nas decisões e muito menos ter o acesso aos ministérios ordenados, que é exclusividade dos homens.

No entanto, percebe-se que na teologia atual, tanto na docência quanto na produção, a mulher tem estado cada vez mais presente, assumindo cátedras, produzindo textos, pleiteando e obtendo graus acadêmicos de todo nível. A mulher teóloga faz ressoar uma palavra qualitativa dentro do mundo da teologia, exclusivamente masculina até nossos dias.

Compreendendo como porta-voz de suas companheiras dos meios populares, que no subterrâneo da história estão tecendo os fios e costurando os pontos da libertação dos pobres e oprimidos de todo gênero, a teologia feita pela mulher traz consigo um modo novo de sentir, de pensar e de falar a mesma teologia cristã, antiga de dois mil anos. Realizada com o corpo, o coração e as mãos tanto quanto com a cabeça, a teologia feita pela mulher traz de volta para a Igreja o primado do afetivo, do simbólico e do poético como estilos e gêneros literários privilegiados para dizer o mistério de Deus, que é amor.<sup>72</sup>

---

<sup>72</sup> BINGEMER, 1991, p. 45.

Em muitos documentos da Igreja, podemos constatar avanços em relação às mulheres. No entanto, não se pode dizer o mesmo para todas as formas de discriminação. Permanece o princípio dogmático que confere apenas aos homens o direito de receber as ordens sagradas. Além disso, o titular do espaço litúrgico, em todos os níveis, continua sendo o homem. “É necessário que as mulheres caminhem cada vez mais, e descubram, na realidade seu espaço e responsabilidade conferidos por Deus em seu Plano Redentor para toda a humanidade”.<sup>73</sup>

Quando Jesus ressuscita, o papel de Maria toma novo significado: preparar e acompanhar maternalmente a fundação da Igreja. Assim como esteve presente no início da vida pública de Jesus com os discípulos, também no início da igreja ela é a presença feminina cuidadosa e orante. A oração de Maria, que preparou o nascimento da Igreja, permanece o cume da prece eclesial. Na expressão de Journet, “Ela agüentou a Igreja nascente pelo poder da sua contemplação e do seu amor. Foi-lhe mais útil do que os Apóstolos que agiam de fora. Foi, para ela, a raiz escondida onde se elabora a seiva que brilha nas flores e nos frutos”.<sup>74</sup>

Depois do Pentecostes, a missão de Maria se “eterniza” na sua ligação com a vida, morte e glorificação do seu Filho. Em Maria, nasce a Igreja, comunidade que ingressa no definitivo e eterno da história da Salvação.<sup>75</sup> Na comunidade querida de Jesus em Betânia, a presença orante e contemplativa de Maria deu frutos na diaconia e no ato de fé proclamado por Marta e de vida nova no irmão ressuscitado, Lázaro.

#### **4.7 A Igreja na casa delas**

Nos primeiros séculos da cristandade em Roma, quando não era possível ter um culto público, os cristãos costumavam se reunir nas casas. Assim, a atual igreja de São Clemente foi erguida sobre uma casa que se chamava de “casa-igreja”. Trata-se também de uma casa normal aberta aos cristãos desejosos de se reunir para participar da eucaristia. Existem outras casas-igreja em Roma e é possível visitar o que delas resta; a mais bem conservada é certamente a de São Clemente.

---

<sup>73</sup> BINGEMER, 1991, p. 31,42-46.

<sup>74</sup> JOURNET *apud* CARVALHO, Maria Emanuela. *Maria: figura da graça*. Lisboa: Universidade Católica, 2004. p. 173.

<sup>75</sup> CARVALHO, 2004, p. 172-173.

Francisco de Assis tinha uma maneira bastante peculiar de falar da Igreja, mesmo que ele tenha recebido um chamado especial: “Francisco tu não vês minha casa caindo em ruína”.<sup>76</sup> Em seu testamento, Francisco agradece ao Senhor por esta missão recebida.

Nos evangelhos, a casa é um lugar importante para a revelação progressiva da mensagem: ao iniciar seu ministério na Galileia, Jesus ensina na sinagoga de Nazaré. Saindo dali, entrou na casa de Simão, cuja sogra estava com febre alta e lhe pediram por ela (Lc 4.38). Nessa casa, Jesus começou seu ministério de cura. Levi, o coletor de impostos, chamado por Jesus, preparou para este um grande banquete em sua casa. (Lc 5.29-32). E mais tarde, na casa de um fariseu, Jesus encontra uma mulher pecadora e louva a sua maneira de agir diante dele:

E voltando-se para a mulher, disse a Simão: “vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para lavar os pés; mas esta com as suas lágrimas regou-me os pés e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste o ósculo: mas esta, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo; mas esta com perfume ungiu-me os pés” (Lc 7.44-46).

Na casa de Maria e Marta, Jesus abre perspectivas sobre a maneira de ser destas mulheres na hospitalidade, na liberdade e na importância da convivência. É ali também que ele exprimiu a ideia de quem ouve suas palavras e as põe em prática: “é semelhante ao homem que, edificando uma casa, cavou bem fundo e pôs os alicerces sobre a rocha. As águas transbordaram, precipitaram-se as torrentes contra aquela casa, e não a puderam abalar, porque ela estava bem construída” (Lc 6.48).

Na casa de Betânia, Maria unge os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos. Ela faz com ele um gesto importante que anuncia sua morte e sua ressurreição. Jesus não somente deixa isto acontecer, mas dá a interpretação deste gesto. “Deixa-a; ela guardou este perfume para o dia da minha sepultura” (Jo 12.7). Jesus fala de seu sepultamento como de um acontecimento próximo e recorda essa mulher por ter antecipado o tempo, perfumando seu corpo para sua sepultura, o que, as santas mulheres não poderão concluir na manhã da Páscoa.

---

<sup>76</sup> Texto dos Três Companheiros.

Jesus está vivo para sempre na casa de seus amigos que o acolhem e o servem. Ele mesmo se fará servo quando, na última ceia, lava os pés com seus apóstolos, naquele lugar que ele mandou preparar com muito cuidado.

Ao pensar na casa-igreja, no seio da casa de Marta e Maria e dos primeiros tempos da Igreja, como a de São Clemente ou a de São João e São Paulo em Roma, é possível meditar a vida de um grande número de mulheres. A casa destas mulheres é abrigo para as suas vidas e, ao mesmo tempo, lugar de oração e de partilha entre os membros de sua comunidade. Lugar de acolhida a todo o momento daqueles que têm necessidade de ajuda ou de conselho, lugar de reflexão intensa sobre os mais pobres, a realidade em que vivem e as situações que as atingem diretamente, social, política, religiosa e economicamente.

É certamente possível considerar casa-igreja as comunidades, as famílias, os lugares nos quais se vive em harmonia. Lucienne Sallé diz: “estou convencida de que as mulheres têm uma missão importante para suscitar, manter, animar, tornar acolhedores todos esses lugares em que o próprio Jesus tem prazer em estar presente”.<sup>77</sup> Transformar em Igreja uma casa é estender a vida da comunidade, a vida de Cristo dada pelos sacramentos, à vida normal de cada dia.

Nos Atos dos Apóstolos, a narrativa da missão de Paulo e de Lucas aos filipenses, na Macedônia, destaca o papel de uma mulher:

No sábado, saímos fora da porta para junto do rio, onde pensávamos haver lugar de oração. Aí nos assentamos e falávamos às mulheres que se haviam reunido. Uma mulher, chamada Lídia, da cidade dos tiatirenos, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava. O Senhor abriu-lhe o coração, para atender às coisas que Paulo dizia. Foi batizada juntamente com a sua família e fez-nos este pedido: “Se julgais que tenho fé no Senhor, entrai em minha casa e ficai comigo”. E obrigou-nos a isso (At 16.13-15).

A insistência de Lídia, recém-batizada, é importante para que Lucas saliente o prolongamento do ato sacramental de seu batismo a toda sua família. Ela os acolhe em sua casa, compartilhando da mesma fé. Fazer da Igreja uma casa é viver a humanidade de Cristo, viver a dimensão sacramental no cotidiano e tomar a seu cuidado essa humanidade de Cristo, reconhecendo-a no outro. Existe casa-igreja se

---

<sup>77</sup> SALLÉ, 2006, p. 53.

Jesus é reconhecido, vivendo nesse lugar e se nesse lugar se tomam os cuidados necessários com sua humanidade.<sup>78</sup>

Em tudo isto, percebe-se que o movimento de Jesus se expandiu pelo mundo greco-romano através de missionárias e missionários itinerantes. De um movimento intrajudaico, surgiram várias igrejas domésticas reunidas como *ekklesias* de uma cidade. Missionárias e missionários itinerantes e as igrejas da casa foram pontos centrais para o desenvolvimento do movimento cristão primitivo, que dependia de mobilidade e estrutura local para consolidar um grupo.<sup>79</sup>

A existência de igrejas domésticas pressupõe que alguns cidadãos mais ou menos bem de vida, que podiam fornecer espaços em sua casa e recursos econômicos para a comunidade, ajuntaram-se ao movimento cristão. Porém, não há dados concretos para comprovar se nestas casas, quando se convertia o dono ou a dona da casa, todos os membros da família se tornavam membros desta igreja. Sabe-se que a família greco-romana era alargada, incluindo escravos, mulheres parentes não casados, mas também libertos e trabalhadores. A igreja doméstica, em virtude de sua localização, fornecia oportunidades iguais para as mulheres, porque tradicionalmente a casa era considerada como lugar próprio das mulheres, e as mulheres não eram excluídas de nenhuma atividade neste local.

Stephen B. Clark utiliza argumentos totalmente diferentes:

Os varões assumem lugar mais distinto na vida pública da primitiva comunidade cristã que as mulheres. Pode-se entender isso nos termos do que observamos sobre a vida de família e a estrutura genética da comunidade cristã. As mulheres tinham mais responsabilidade dentro da casa de família. O que não quer dizer que as mulheres não tinham nenhuma responsabilidade na comunidade nem que os varões não tinham nenhuma responsabilidade na casa de família. Contudo, varões tinham maior responsabilidade na vida da comunidade fora de casa do que as mulheres.<sup>80</sup>

Clark adota critérios distintos de vida pública e particular. Porém, estas comunidades nas casas de família eram típicas da sociedade greco-romana. Nestes escritos, ele se esquece que a vida pública da comunidade cristã acontece na casa e não fora dela. A comunidade estava na casa dela. Por isso, parece que a

---

<sup>78</sup> SALLÉ, 2006, p. 47-54.

<sup>79</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA *apud* STRÖHER, 1996, p. 17.

<sup>80</sup> CLARK *apud* SCHÜSSLER-FIORENZA, 1992, p. 210.

proprietária da casa, onde se reunia a igreja, tinha responsabilidade primeira pela comunidade e por sua reunião na igreja doméstica.<sup>81</sup>

A igreja romana parece estar organizada em igrejas domésticas até o século terceiro. A participação das mulheres nessa igreja deve ter sido bastante notável. Em Romanos 16, Paulo destaca a saudação para vinte e cinco pessoas, sendo oito delas mulheres. Ainda fala da mãe de Rufo e a irmã de Nereu; não são mencionadas pelo nome próprio, mas deve ter havido outras mulheres entre o pessoal da casa de Aristóbulo e Narciso, e também entre os “irmãos” ou “santos” mencionados em Rm 16.15. Paulo menciona também Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, possivelmente casais missionários como foram Prisca e Áquila.

Quando o movimento se espalhou, várias igrejas domésticas puderam se reunir como a *ekklesia* de uma cidade, a exemplo da igreja de Corinto. Contudo, o básico para a sua estrutura organizacional era que, como um culto religioso ou associação privada, a igreja local concedesse igual participação a todos os membros. Essa forma de organização da igreja enfrentou tensões com da família tradicional patriarcal. Enquanto estes grupos religiosos admitiam escravos, membros das classes mais baixas e mulheres, os outros eram reservados especialmente a pessoas de *status* elevado. Os que participavam destas igrejas domésticas cristãs faziam-no como uma associação de iguais. Elas atraíam especialmente os que pouco podiam apostar nas recompensas de uma religião baseada ou em estratificação de classe ou em dominação masculina.

Neste contexto, é importante a posição de Febe como ministra na igreja de Cencrêia, chamada pelo título de “prostatis”, comumente traduzido por “ajudante” ou “patrona”. Na literatura da época, este termo tinha a conotação de oficial, líder, presidente ou governador. Porém, Paulo escreve que Febe era uma *prostatis* de muitos e também do próprio Paulo. Alguns estudiosos rejeitaram esse sentido, contudo, em 1Ts 5.12 o verbo caracteriza a pessoa com autoridade na comunidade e, em 1Tm 3.4s e 5.17, designa as funções de bispo, diáconos e presbíteros.<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> CLARK *apud* SCHÜSSLER-FIORENZA, 1992, p. 210.

<sup>82</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1992, p. 209-215.

#### 4.8 Emergência de um novo rosto eclesial

O processo de emergência do sujeito eclesial feminino veio com o processo de emergência da mulher na sociedade. As mulheres, rompendo uma sujeição e uma dominação secular, começaram a ser visíveis e audíveis, deixando a exclusividade dos afazeres domésticos e conquistando o mercado de trabalho, saindo da esfera do privado e ocupando espaços na vida pública.

Porém, o processo de emersão da mulher na esfera eclesial tem características próprias, como sujeito do povo de Deus. Em virtude de seu batismo, as mulheres tomam consciência cada vez mais de sua cidadania na Igreja. Sua participação nos diversos serviços e ministérios que lhe são acessíveis tem crescido em quantidade e qualidade. Temos o exemplo das Comunidades Eclesiais de Base, em que cerca de 80% das lideranças são de mulheres. São as mulheres que organizam os círculos bíblicos, novenas, romarias e celebrações litúrgicas; além das reuniões de associações de moradores, sindicatos e outros grupos de reivindicações. Nas regiões mais carentes e sofridas, elas representam uma força incansável de resistência, saindo da solidão para a solidariedade, movidas pela chama de confiança no Deus da Vida e do amor. Chama esta que o Evangelho, lido e comentado à luz da vida cotidiana, desperta e alimenta continuamente.

A partir da mulher, emerge uma nova possibilidade e uma nova esperança... E hoje, num momento de transição quando tudo oscila, uma linguagem e uma teologia baseada na racionalidade e na sisudez da abstração não consegue dar respostas a este tipo de situação.

A mulher tem a propor uma nova sistematicidade, que brota do impulso do desejo que habita o mais profundo do ser humano e que inclui e mistura sensibilidade e racionalidade, gratuidade e eficácia, experiência e reflexão, desejo e rigor. E a capacidade dessa proposta lhe vem do seu ser original e único, sonhado pelo Deus Criador como síntese feliz e abertura ontológica capaz de acolher e abrigar a transcendência de maneira privilegiada.<sup>83</sup>

O processo de libertação começa a ocorrer quando o pobre toma consciência do desejo reprimido dentro de si e o deixa emergir, liberando como um grito, e sentindo ao mesmo tempo como força motriz e propulsora para a luta. É nesta libertação do desejo que a presença do Senhor é descoberta como passível de

---

<sup>83</sup> BINGEMER, 1991, p. 27.

ser experimentada no fundo da pior das opressões em termos de Luz que envolve e consola ao mesmo tempo em que impele para uma práxis corajosa e comprometida.<sup>84</sup> Antônia Bárbara Huefner e Simei Monteiro, em seu livro *O que esta mulher está fazendo aqui*, explicam a luta da mulher em uma sociedade masculinizada:

O feminismo tem outros aspectos que não são mencionados no Dicionário Aurélio. O fundamental que é mais do que a luta pela igualdade de direitos. A luta pelo direito da mulher ao trabalho, ao salário justo ou ao planejamento familiar, isto é só o primeiro passo na caminhada da libertação. Nessa luta, ela toma consciência da opressão masculina. Num certo sentido, este processo fica preso a um mundo masculino, a uma sociedade na qual as mulheres deveriam ter mais direitos. Mas há ainda um mundo dominado pelos homens, mundo no qual as mulheres, com mais ou menos direitos, tem que se adaptar ao jogo masculino.<sup>85</sup>

Do ponto de vista psicológico, o “feminismo” busca a libertação da mulher enquanto ser humano autônomo. Na perspectiva socioeconômica, é necessário que se faça uma análise profunda das causas da opressão e da inferiorização da mulher na sociedade. Ao mesmo tempo, o “feminino” anuncia uma nova cultura, com uma visão e a esperança da nova mulher e do novo homem, em que o feminino não seja menosprezado nem desvalorizado. Politicamente, os diversos grupos de mulheres, organizados em movimentos populares, nos sindicatos, nos partidos e também na igreja, atuam e lutam por um mundo justo e igual. Não se trata de uma inversão de papéis na dominação da mulher sobre o homem, mas de um processo em que ambos caminharão juntos formando uma sociedade baseada no amor, no diálogo e no respeito mútuo.<sup>86</sup>

Com a emergência de mulheres que, a exemplo de Marta e Maria, seguiram os ensinamentos de Jesus, e outras tantas mulheres que citadas ou não neste trabalho, surge a necessidade de um horizonte novo – uma sociedade mais justa e mais fraterna, construída na solidariedade e na paz.

---

<sup>84</sup> BINGEMER, 1991, p. 22-29.

<sup>85</sup> HUEFNER, Antônia Bárbara; MONTEIRO, Simei. *O que esta mulher está fazendo aqui?* Em busca da tradição perdida. São Bernardo do Campo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 1992. p. 19.

<sup>86</sup> HUEFNER; MONTEIRO, 1992, p. 19-20.

## A TODAS AS MULHERES

No princípio eu era a Eva  
Criada para a felicidade de Adão  
Mais tarde fui Maria  
Dando à luz aquele  
Que traria a salvação  
Mas isso não bastaria  
Para eu encontrar perdão.  
Passei a ser Amélia  
A mulher de verdade  
Para a sociedade  
Não tinha a menor vaidade  
Mas sonhava com a igualdade.  
Muito tempo depois decidi:  
Não dá mais!  
Quero minha dignidade  
Tenho meus ideais!  
Hoje não sou só esposa ou filha  
Sou pai, mãe, arrimo de família  
Sou caminhoneiro, taxista,  
Piloto de avião, policial feminina,  
Operária em construção...  
Ao mundo peço licença  
Para atuar onde quiser  
Meu sobrenome é **COMPETÊNCIA**  
E meu nome é **MULHER...!!!!**<sup>87</sup>

---

<sup>87</sup> GIONINI, Dinah. Disponível em: <<http://www.entremulheres.com.br/?pg=noticia&id=417>>. Vários acessos.

## CONCLUSÃO

Concluindo, podemos dizer que cada vez mais a Bíblia tem sido objeto de intensas pesquisas, principalmente sobre as origens do cristianismo. Contudo, seus primórdios e seu crescimento permanecem, em muitos aspectos, misteriosos, pois a escassez de fontes históricas nos deixa muitas dúvidas.

Segundo Elizabeth Schüssler-Fiorenza, “a contribuição da mulher na história das comunidades primitivas foi perdida em boa parte por causa da escassez e do caráter androcêntrico de nossas fontes”.<sup>88</sup> Apesar desses limites, a história está sendo reconstituída a partir das poucas fontes, das interpretações de fatos e acontecimentos do passado. Mesmo com estas limitações, temos excelentes textos bíblicos e muitas passagens que revelam a história das mulheres nos primitivos tempos cristãos.<sup>89</sup>

Embora a maioria dos encontros de Jesus com as mulheres no Novo Testamento tenha sido um evento único, o relato de Marta e Maria aparece em três experiências distintas em que Jesus esteve com Maria e Marta como podemos ver: a visita em sua casa em Betânia (Lc 10.38-42); o encontro que ocorre quando da morte e ressurreição de Lázaro (Jo 11.1-57); e, no fim da vida de Jesus, quando Maria unge-O com bálsamo (Mt 26.6-13; Mc 14.1-10; Jo 12.1-13). Isto revela que outros encontros, além dos relatados, podem ter acontecido.

Quando Jesus diz “Marta!, Marta!”, estas palavras ocupam um lugar singular na vida de Jesus. Esse afeto mútuo não brota da gratidão por doenças curadas ou pecados perdoados. É espontâneo, fundamentado no caráter, na solidariedade e na amizade. Esse é o significado da palavra original no texto de Lc 10.38-42. A casa de Marta e Maria era para Jesus um refúgio, descanso e momento de calma. Ali ele poderia ser ele mesmo, na alegria e na amizade com os três irmãos: Marta, Maria e Lázaro. “Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro” (Jo 11.5).<sup>90</sup>

Como Jesus, todo o ser humano precisa de momentos de descanso, de parada para refazer as energias e de amigos para conversar, trocar ideias, sentir-se

---

<sup>88</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA *apud* STRÖHER, 1996, p. 26.

<sup>89</sup> STRÖHER, 1996, p. 26.

<sup>90</sup> EISENBERG, Josy. *A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico-sociológico*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 368.

à vontade, dar e receber amor. A atitude de Jesus nos revela um jeito novo e nos ensina que sentar para e ouvir as pessoas, seus sofrimentos, misérias e dificuldades é tornar a misericórdia de Deus presente no mundo dos que não têm voz nem vez.

Nos círculos bíblicos e nas comunidades lideradas pelas mulheres, surgem muitas propostas transformadoras e concretizadas em mutirão. As mulheres começam a fazer uma experiência de igualdade, tendo por referencial as mulheres que fizeram parte do movimento de Jesus. Elas se descobrem pessoas na convivência comunitária e começam a servir assumindo situações de liderança. Vemos isso acontecer nas CEBs, onde elas têm papel fundamental na organização e na animação comunitária. Participam das roças comunitárias, dos mutirões para construção de casas, nos sindicatos e nos partidos políticos, exercendo sua cidadania a partir da reflexão sobre a fé e vida.

Na experiência destas mulheres, a Igreja hoje, pelo menos em alguns lugares, aparece com um rosto mais feminino, mais amigo, mais humano. Hoje a teologia na visão feminista toma um novo significado. A maneira da mulher fazer teologia é inseparável do tocar e se deixar tocar em sua mais profunda intimidade, pelo Mistério do Deus da vida.

Foi muito importante a descoberta de que o mistério de Deus tem em si mesmo uma dimensão feminina; que não é apenas Pai, mas também Mãe; que todos nós podemos encontrar nossa identidade enquanto seres humanos criados, não para o isolamento, mas para a reciprocidade. Analisar a vida de Marta e de Maria, bem como de tantas mulheres narradas no decorrer do trabalho, foi uma experiência inédita no aprofundamento bíblico na perspectiva do feminino.

Espero que este trabalho contribua para outros alunos e estudiosos que pretendam descobrir o papel da mulher na Bíblia e, sobretudo, nos evangelhos para conhecer mais de perto o sentido da perícopa que narra a história de Marta e Maria.

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1981.
- ARNS, Paulo Evaristo; GORGULHO, Gilberto; ANDERSON, Ana Flora. *Mulheres da Bíblia*. São Leopoldo: Paulinas, 2004.
- BANKS, Vickey. *Intimidade com Deus*. aprendendo com as mulheres que conviveram com Jesus. São Paulo: Shedd, 2005.
- BIBLEWORKS for Windows. Versão 6.0. 2006. CS-ROM.
- BINGEMER, Maria Clara. *O segredo feminino do mistério: ensaios de teologia na ótica da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRAZÃO, Suely Mendes. *Mulheres da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1998.
- BRENNER, Athalya. *A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CARVALHO, Maria Emanuela. *Maria: figura da graça*. Lisboa: Universidade Católica, 2004.
- CERAGIOLI, Ferruccio, *Sete mulheres do Evangelho: uma Introdução à oração*. São Paulo: Ave-Maria, 2008.
- CURY, Augusto. *Maria a maior educadora da história: os dez princípios que Maria utilizou para educar o menino Jesus*. São Paulo: Planeta/Câmara Brasiliense, 2007.
- DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- EISENBERG, Josy. *A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico-sociológico*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GANGE, Françoise. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GIONINI, Dinah. Disponível em: <<http://www.entremulheres.com.br/?pg=noticia&id=417>>. Vários acessos.

GOSSMANN, Elisabeth; MOLTMANN-WENDEL, Elisabeth; SCHOTTROFF, Luise. *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HUEFNER, Antônia Bárbara; MONTEIRO, Simei. *O que esta mulher está fazendo aqui?* Em busca da tradição perdida. São Bernardo do Campo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 1992.

JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983.

KOCHMANN, Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, 2005, p. 38-41. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_kochmann.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf)>. Vários acessos.

LADISLOA, Maria da Glória. *As mulheres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1995.

LEXICON. *Dicionário de teologia enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

LIGHTFOOT, Neil R. *O papel da mulher: perspectivas do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Cristã, 1979.

MORIN, Émile. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1981.

MOSCONI, Luís. *Evangelho segundo Lucas: pistas para uma leitura contemplativa, espiritual e militante*. São Leopoldo: CEBI, 1991.

MURAD, Afonso. *O que Maria tem a dizer as mães de hoje*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

ROMANO, Amélia Hakme. Memória das curas familiares. *A Palavra na Vida*, São Leopoldo, n. 250, 2008.

SALLÉ, Luciene. *Mulheres de fé e mulheres da igreja*. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista*. São Paulo: Paulinas, 1995.

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2008.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SOAVE, Maria. *Luas... contos e em-cantos dos evangelhos*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

STRÖHER, Marga Janéte. *A igreja na casa dela: papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs*. São Leopoldo: Com-Texto, 1996.

TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, O Cristo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

VATICANO II. *Constituição pastoral sobre a igreja no mundo de hoje: Gaudium et spes*. Petrópolis: Vozes, 1983.

WILLIAMS, Ruthann. *Vá em paz: A cura na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2001.